

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - CENTRO DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO CED - LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

FABIANA CORDEIRO DOS SANTOS DE SOUZA

**A IMPORTÂNCIA DA AGROECOLOGIA NA VIDA DAS MULHERES
CAMPONESAS DO GRUPO AMHO**

FLORIANÓPOLIS

2019

Fabiana Cordeiro dos Santos de Souza

**A IMPORTÂNCIA DA AGROECOLOGIA NA VIDA DAS MULHERES
CAMPONESAS DO GRUPO AMHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do título de licenciada em Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza e Matemática.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Carolinan
Orquiza Cherfem

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de
Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Fabiana Cordeiro dos Santos de
A IMPORTÂNCIA DA AGROECOLOGIA NA VIDA DAS MULHERES CAMPONESAS DO
GRUPO AMHO / Fabiana Cordeiro dos Santos de Souza; orientador,
Carolina Orquiza Cherfem, 2019.
81 p.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação, Graduação em Educação do Campo, Florianópolis,
2019.
Inclui referências.
1. Educação do Campo. I. Cherfem, Carolina Orquiza. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação do
Campo. III. Título.

Fabiana Cordeiro dos Santos de Souza

**A IMPORTÂNCIA DA AGROECOLOGIA NA VIDA DAS MULHERES
CAMPONESAS DO GRUPO AMHO**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Educação do Campo com ênfase em Ciências da Natureza e Matemática.” E aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

Florianópolis, 18 de dezembro de 2019.

Profa Dra. Adriana Angelita da Conceição
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Carolina Orquiza Cherfem, Dra.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Daniele Rehling Lopes, Me.
Universidade Federal de Santa Catarina

Adriane Canan
Movimento de Mulheres Camponesas

Marília Carla de Melo Gaia
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico esse Trabalho de Conclusão de Curso às mulheres. À minha avó Araci e à minha tia Geronilda, que me mostraram o poder da Educação. Dedico às mulheres que lutaram e lutam por um mundo melhor carregando a revolução dentro de sí. Dedico à Dandara dos Palmares, Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, Ana Maria Primavesi, Margarida Alves, Marielle Franco e tantas outras mulheres que admiro.

AGRADECIMENTOS

Um dia ouvi que “memórias afetivas contam história”. Então é uma boa forma de começar, memórias e afetos, por isso agradeço à minha avó Araci, meu abrigo, meu alicerce, que me apoiou durante toda a vida e me fez chegar até aqui, que nos momentos difíceis não esqueceu do afeto. Poderia escrever vários agradecimentos e nenhum seria o suficiente para dizer o quanto cresço, aprendo, me transformo e melhora ao lado dela e das educadoras da minha família. Agradeço às minhas ancestrais e às minhas protetoras, Ora yê yê ô, Odoyá, Eparrey, Okê arô, Xetruá e Laroyê, e muito axé!

As mulheres do grupo AMHO, as minhas alunas do ProJovem e a minha orientadora Carolina, por terem me dado a oportunidade de fazer o projeto e escrever sobre essas vivências, sobre a história dessas mulheres, que tanto aprendi e me auxiliaram no processo de reconhecimento como sujeito político da história.

A Universidade nos proporciona diferentes vivências em vários espaços, algumas nem sempre são boas, são dolorosas, mas também trazem companheiros/as, os/as quais me apoiaram nesses anos e foram fundamentais para o meu desenvolvimento e crescimento. Para além da Universidade agradeço todas e todos que estiveram comigo nesses anos, em especial as amigas que me acolheram em casa, Amanda, Bruna e Carla, que estiveram comigo nesse 2019 turbulento.

Muitos ciclos foram iniciados e encerrados durante esses quatro anos, mas tive a oportunidade de dividir as angústias e as felicidades com pessoas muito especiais que a Educação do Campo trouxe.

Colegas e professoras marcaram a minha trajetória no curso, em especial Eduarda e Daniele, nos tornamos um lindo amontoado de resistência, me mostraram que nem sempre a Educação ou o mundo vai ser lindo, mas que se resistirmos juntas se torna mais fácil e menos doloroso.

Agradeço a minha amiga e dupla Eduarda por todo o apoio, todos os planos de mudar a Educação, de revolucionar o mundo através dela, por todas as vezes que deixamos nossas famílias e fomos juntas nas marchas e encontros, em defesa da educação pública de qualidade, das mulheres, pelo fim da violência contra mulheres e meninas, pelos projetos realizados nas escolas, mudando aos poucos a realidade que nos cerca, e principalmente por permanecer e ser abrigo.

Agradeço a professora e amiga Daniele Rehling, por todas as vezes que não desistiu da Educação, mesmo nos momentos críticos permaneceu e mostrou como fazer de forma diferente e fazer a diferença, e acima de tudo por ter me ensinado o que Paulo Freire tanto falava, a educação muda as pessoas e de fato o afeto na educação é revolucionário. Eu sou porque nós somos.

“Não serei livre enquanto alguma mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas” – Audre Lorde.

A Terra, a natureza e as mulheres, a gente se identifica porque a gente produz a vida, e a natureza, a terra, toda a diversidade também produz a vida - COLLA, Izanete (MCC/RS), As Sementes, 1:39, 2017.

RESUMO

Esse trabalho de conclusão de curso tem como finalidade apresentar a pesquisa desenvolvida no município de Itaiópolis – SC, no ano de 2019, com um grupo de mulheres agricultoras que produzem alimentos de forma agroecológica. A presente pesquisa se propôs a investigar quais são os limites e as potencialidades da produção agroecológica para as mulheres da Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis, o Grupo AMHO, compreendendo a importância e a ligação da agroecologia na vida das agricultoras. Foi realizada revisão bibliográfica e pesquisa participante, sendo que a pesquisadora participou das reuniões periódicas de organização do grupo, conheceu as propriedades das agricultoras, participou de eventos diversos, organizou oficinas, contribuiu na organização da produção agroecológica, além de ter realizado entrevistas e sistematização dos dados da pesquisa. A partir desses encontros e ações, notou-se uma série de dificuldades para produzir de modo agroecológico, tais como: ausência de comércio e dificuldades de escoamento da produção, dificuldade na sucessão do trabalho, rigidez da lei para certificação, entre outros. Apesar disso, as mulheres mantêm a agroecologia como um modo de vida, fazendo a diferença onde estão, sendo guardiãs dos saberes e “formiguinhas teimosas” da agroecologia, como elas mesmas se identificam.

Palavras chave: Educação do Campo. Mulheres. Agroecologia. Autonomia.

ABSTRACT

This course conclusion work has as finality to present the research developed in the municipality Itaiópolis – SC, in the year 2019, with a group of farmer women that produce food in an agroecological form. The present research proposes to investigate what are the limits and potentialities of agroecological production for women from Women's Association of Organic Gardens of Itaiópolis, the AMHO Group, understanding the importance and the link of agroecology in the life of the female farmers. It was performed bibliographic review and participant research, as well the researcher attended the periodic meetings of organization of the group, met the farmers' properties, participated of several events, organized workshops, contributed to the organization of agroecological production, besides having realized interviews and systematization of research data. From these meeting and actions, it was noticed series of difficulties to product in an agroecological form, such as: absence of commerce and difficulties of production flow, difficulty in succession of work, rigidity in the law for certification, among others. Despite that, the women keep the agroecology as a way of life, making the difference where they are, being guardians of knowledge and “stubborn little ants” of agroecology, like them identify themselves.

Keywords: Field Education. Women. Agroecology. Autonomy

RESUMEN

Este trabajo de conclusión del curso tiene como objetivo presentar la investigación desarrollada en el municipio de Itaiópolis - SC, en el año 2019, como un grupo de mujeres agricultoras que producen comida de forma agroecológica. La presente investigación se propuso para investigar cuáles son los límites y las potencialidades de producción agroecológica para mujeres de Asociación de Mujeres de Huertos Orgánico de Itaiópolis, Grupo AMHO. Entendiendo la importancia y el enlace de la agroecología en la vida de los agricultores. Se realizó una revisión de la literatura y una investigación participativa, ya que el investigador participó en las reuniones periódicas de la organización del grupo, conoce las propiedades de los agricultores, participó en varios eventos, organizó talleres, contribuyó a la organización de la producción agroecológica y realizó entrevistas y sistematización de datos de investigación. De estas reuniones y acciones, se observaron muchas dificultades para producir agroecológicamente, tales como: ausencia de comercio y dificultades en el flujo de producción, dificultad en la sucesión del trabajo, rigidez de la ley para la certificación, entre otras. Apesar de eso, las mujeres mantienen la agroecología como una forma de vida, haciendo una diferencia donde están, ser guardianes del conocimiento y “pequeñas hormigas terco” de agroecología cómo se identifican.

Palabras clave: Educación de Campo. Mujeres. Agroecología. Autonomía

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Formiguinhas teimosas da agroecologia, formação sobre Mulheres e agroecologia na propriedade de Dona Marilda

Figura 2 - Formação sobre Mulheres e agroecologia na propriedade de Dona Marilda
Figura 3 - Mesa Violência Contra a Mulher do Campo: O que isso tem a ver com a Reforma Agrária?

Figura 4 - Cine debate como documentário Sozinhas – Violência contra as mulheres que vivem no Campo

Figura 5 – Mesa Violência Contra a Mulher do Campo: O que isso tem a ver com a Reforma Agrária?

Figura 6: Mística em defesa dos direitos na 6º Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária

Figura 7 - 18ª Jornada da Agroecologia, varal com fotos sobre as ações do Projeto de Extensão

Figura 8 -18ª Jornada da Agroecologia, varal com fotos sobre as ações do Projeto de Extensão

Figura 9 - 18ª Jornada da Agroecologia, varal com fotos sobre as ações do Projeto de Extensão

Figura 10 - Encontro dos/as Estudantes da Educação do Campo e Jovens no MST

Figura 11 - Encontro dos/as Estudantes da Educação do Campo e Jovens no MST

Figura 12 - 2º Encontro das sementes Crioulas em Papanduva
Figura 13 - Certificado de guardião das sementes Crioulas.

Figura 14 - ProJovem Campo Saberes da Terra no 2º Encontro das Sementes Crioulas em Papanduva

Figura 15 - Degustação de cacau e Kombuchá na propriedade de Deyse e Mauro

Figura 16 - Preenchendo a ata do encontro na propriedade de Deyse e Mauro

Figura. 17 - Compartilhado os saberes sobre a técnica de Bokachi

Figura 18 - Morangos agroecológicos

Figura 19 - Café com lanche vegetariano e agroecológico

Figura 20 - Encontro mensal na propriedade de Dona Marilda

Figura 21 - Visita após a reunião na propriedade de Dona Marilda

Figura 22 -Galinhas felizes na propriedade de Dona Jandira

Figura 23 -Estufa de hortaliças na propriedade de Dona Jandira

Figura 24 - Berço, abobrinha na propriedade de Dona Jandira

Figura 25 - Coleta de microrganismos eficientes com arroz, na disciplina de Ciências Agrárias - ProJovem Campo Saberes da Terra.

Figura 26 - Medindo o PH do solo com repolho roxo, na disciplina de Ciências Agrárias - ProJovem Campo Saberes da Terra.

Figura 27 - Horta manda de temperos após aplicação de microrganismo eficientes, na disciplina de Ciências Agrárias - ProJovem Campo Saberes da Terra.

Figura 28 - Horta mandala de ervas medicinais após aplicação de microrganismo eficientes na disciplina de Ciências Agrárias - ProJovem Campo Saberes da Terra.

Figura 29 - Adote uma Produtora Rural

Figura 30 - Plantando hortaliças com Dona Marilda

Figura 31: Colhendo rabanetes com Dona Marilda

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMHO Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis

ANMTR - Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais

ATER - Assistência Técnica Extensiva Rural

CALECAMPO - Centro Acadêmico de Licenciatura em Educação do Campo

CPF - Cadastro de Pessoas Físicas

CPT - Comissão Pastoral da Terra

EPAGRI - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

JURA - Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária

LEDOC - Licenciatura em Educação do Campo

MAB - Movimento dos Atingidos pelas Barragens

MMA - Movimento das Mulheres Agricultoras

MMC - Movimento das Mulheres Camponesas

MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PJR - Pastoral da Juventude Rural

PR - Paraná

REDE - Rede Ecovida de Agroecologia

SC - Santa Catarina

SINTRAF- Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar

TC - Tempo Comunidade

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TU - Tempo Universidade

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNITAGRI - Cooperativa de Serviços Técnicos Agrícolas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO	17
1.2 MINHAS MEMÓRIAS	19
1.3 PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO	21
2. CAPÍTULO 1 – “EU NAO VEJO A AGROECOLOGIA COM OUTROS OLHOS A	29
NÃO SER O FEMININO”	29
2.1. Contextualizando conceitos	29
2.2. Mulheres e Agroecologia	31
2.3 Movimento de Mulheres Camponesas – MMC	36
2.4 Agroecologia para as mulheres do Movimento	41
2.5 Dona Marilda – Formiguinha teimosa da agroecologia	44
2.6 Agroecologia das mulheres como resistência de guerra	47
3. CAPÍTULO 2 - A IMPORTÂNCIA DA AGROECOLOGIA NA VIDA DAS	52
MULHERES CAMPONESAS DO GRUPO AMHO	52
3.1 Grupo AMHO – Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis	53
3.1.1 As atividades do Grupo AMHO: Encontro Mensal na propriedade de Mauro e Deyse	55
3.1.2 Lições de agroecologia: Encontros mensais na propriedade de Dona Marilda	58
3.1.3. Um dia de Campo com Dona Jandira	61
3.2 Organização Coletiva, desafios e potencialidades da agroecologia como modo de vida	68
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	76

1. INTRODUÇÃO

Através desse Trabalho de Conclusão de Curso pretende-se compreender a importância da produção agroecológica na vida das mulheres do Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis (Grupo AMHO). A pesquisa buscou investigar quais são os limites e as potencialidades da produção agroecológica para as mulheres do Grupo AMHO, dessa forma, compreendendo a importância e a ligação da agroecologia na vida das agricultoras.

Para as análises realizadas, o trabalho tem como leitura de mundo e compreensão da realidade os estudos de gênero e da organização coletiva de mulheres, a partir de uma perspectiva feminista, anti-racista e da luta de classes.

O trabalho foi realizado no município da presente autora, Itaiópolis – SC. Segundo o último censo (2010) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do município é de 20.301 pessoas. O município é conhecido como “pequena Varsóvia” devido à colonização de imigrantes europeus, em sua maioria poloneses e ucranianos. Segundo pesquisas realizadas no primeiro ano de curso para compor o diagnóstico do município, os/as primeiros habitantes eram caboclos/as e indígenas. Itaiópolis nasce a partir da antiga rota de tropeiros que faziam a ligação comercial de alimentos, roupas e animais, entre o Sudeste e o Sul do Brasil, nessa rota posteriormente foi construída a estrada de ferro que fazia a ligação entre São Paulo - Rio Grande do Sul, com a chegada da empresa Southern Brazilian Lumber, foi o estopim para se iniciar a Guerra do Contestado, que será aprofundada a frente.

O primeiro nome do município era Colônia Lucena, os/as primeiros/as colonizadores/as em 1891, de nacionalidade inglesa, polonesa e russa. Segundo entrevistas realizadas com os/as moradores/as (2016) descendentes de europeus, as razões pelas quais os/as poloneses, alemães e ucranianos vieram para o Brasil não foram somente fugir da Segunda Guerra Mundial, mas também pela oferta de terras. Os alemães foram para Blumenau em busca de terras planas; poloneses e ucranianos ficaram com os morros. Um dos pontos turísticos do município é o Morro do Alto Paraguaçu, que apesar de possuir nome indígena foi colonizado por imigrantes europeus e é tombado como patrimônio histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). O município se caracteriza como

essencialmente rural e vive da agricultura. Segundo dados do IBGE (2007), é produzido arroz, aveia, cevada, feijão, milho, soja, e trigo, além das frutas. Possui 2.410 estabelecimentos agropecuários sendo da agricultura familiar 2095.

Quando os imigrantes chegaram nessas terras, região habitada por indígenas e caboclos/as, marcada pela Guerra do Contestado¹, não tinham domínio das técnicas de produção, o clima era diferente, os alimentos cultivados eram outros, e em uma troca de saberes e sabores, foram aprendendo e se apropriando dos manejos. Grande parte dos/as agricultores/as são descendentes dos/as imigrantes e produzem alimentos da forma que foi transmitida de geração em geração.

O grupo AMHO traz a agroecologia como um modo de vida e de produção, contrapondo a ideia da agricultura convencional já enraizada em Itaiópolis. O contato com o AMHO surgiu durante o tempo comunidade realizado no ano de 2018. A ideia era procurar grupos de mulheres ou movimentos sociais nos municípios dos/as estudantes da Educação do Campo, trabalho realizado na disciplina de Aprofundamento Temático III: Gênero, Corpo e Sexualidade. A partir desse primeiro contato a pesquisadora se interessou em contar a história dessas mulheres, buscando compreender de que forma a agroecologia era presente na vida delas.

A pesquisa foi realizada no ano de 2018 e 2019, através de revisão bibliográfica e pesquisa participante, sendo que a pesquisadora participou das reuniões periódicas de organização do grupo, conheceu as propriedades das agricultoras, participou de eventos diversos, organizou oficinas, contribuiu na organização da produção agroecológica, além de ter realizado entrevistas e sistematização dos dados da pesquisa. Segundo Gil (2008, p 31), tanto a pesquisa ação quanto a pesquisa participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa, os quais contribuem ativamente com os sujeitos da pesquisa, ao mesmo tempo em que realizam as suas investigações.

A pesquisadora também participou do Projeto de extensão Práticas Sociais em Educação do Campo: Intersecções de classe, raça e gênero na pesquisa e na

¹ A Guerra do Contestado aconteceu entre os anos de 1912 e 1916, foi uma disputa de terras entre Santa Catarina e Paraná, na atual região conhecida como Contestado, um dos maiores conflitos sociais da história do nosso país. Segundo AMADOR.

ação, no qual desenvolveu uma série de ações e de estudos que refletiram neste trabalho e serão contadas no decorrer do texto.

1.1 A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Este trabalho de conclusão de curso surge a partir das vivências proporcionadas pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O curso tem como objetivo a formação de professores (as) para as escolas do campo e para as escolas que recebem os sujeitos que vivem e trabalham no campo. Essa formação se dá por área de conhecimento, nesse caso Ciências da Natureza e Matemática. Essa proposta educativa nasceu das lutas populares dos movimentos sociais que pautavam uma educação de qualidade e gratuita para os povos do campo, com ênfase na valorização dos modos de vida e de trabalho desses sujeitos, contra o fechamento das escolas do campo, e buscando ainda a garantia da Terra que sustenta a materialidade da vida do camponês. Tais movimentos questionam os modelos dos projetos políticos para o campo brasileiro, pautados no agronegócio e na exploração do trabalho em detrimento da agroecologia, e tentam construir uma educação que seja coerente com as suas lutas e sobrevivência no campo.

Segundo o Decreto Presidencial nº 7.352, de novembro de 2010, Art. 1º entende-se por povos do campo agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da reforma agrária, trabalhadores assalariados rurais, quilombolas, caiçaras, povos das florestas, caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural.

Os princípios da educação do campo são, segundo o Decreto Presidencial nº 7.352, de novembro de 2010, Art. 2º

- I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia;
- II - incentivo à formulação de projetos político-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;
- III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo,

considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;

IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdos curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; e

V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo. (BRASIL, Decreto Presidencial nº 7.352/2010, 4 de novembro de 2010).

A licenciatura tem como base a Pedagogia da Alternância, que busca integrar a Universidade e comunidade, ou seja a práxis, a teoria estudada na academia com a prática de vida e trabalho dos sujeitos em seu processo educativo.

A Pedagogia da Alternância vem sendo usada na formação de jovens e adultos do campo, visto ser esta uma proposta pedagógica e metodológica capaz de atender as necessidades da articulação entre escolarização e trabalho, propiciando a esses indivíduos o acesso à escola sem que tenham que deixar de trabalhar. (CORDEIRO, REIS, HAGE, 2011, p.116).

Para efetivar esta pedagogia no curso realizamos os Tempos Universidade (TU) e os Tempos Comunidade (TC), cada turma da LEDOC possui uma alternância diferente, baseada na especificidade de cada turma, mas todas passam por TU, onde adquirem o conhecimento científico, e após isso compartilham esse conhecimento em suas práticas e ações nas suas comunidades, nos TC, onde realizam pesquisas que serão socializadas nas colocações em comum. No primeiro ano de curso é realizado o diagnóstico do município, onde contém informações que serão usadas nos próximos anos de curso. Os/as estudantes da LEDOC têm seu primeiro contato com a escola no segundo ano, onde são inseridos no ambiente escolar para acompanhar os/as educandos/as, docentes, e equipe pedagógica. No terceiro ano começa a ser pensado o trabalho de conclusão de curso (TCC) e os estágios, e por fim, no quarto ano, conclui os estágios e as pesquisas de TCC. Diferentemente de outras licenciaturas, a Licenciatura em Educação do Campo promove em suas disciplinas discussões como as de gênero, classe, raça/etnia e agroecologia, as quais são capazes de possibilitar uma compreensão ampliada da realidade, buscando uma forma de educar que seja libertadora e emancipatória sem desvalorizar os saberes populares dos/as sujeitos/as.

1.2 MINHAS MEMÓRIAS

Apresentada a pesquisa, o contexto em que ela se insere, além do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, trago agora a apresentação da autora do trabalho, na medida em que a sua trajetória de vida se entrelaça com a pesquisa voltada para mulheres e agroecologia.

A Educação do Campo me fez ter uma nova perspectiva de vida, principalmente quando se trata da compreensão da vida das mulheres. Nasci em um contexto um tanto quanto perturbado de tempo e localidade, vim de uma família pobre que não possuía condições financeiras e psicológicas para cuidar de uma criança, por isso aos três meses minha avó paterna ganhou minha guarda permanente na justiça. Venci a desnutrição infantil através dos saberes e cuidados dela que já tinha criado seus nove filhos. Desde então a minha vida tem sido rodeada de mulheres educadoras, minhas tias/irmãs são pedagogas, professoras de educação especial e assistentes educacionais. Desde pequena queria ser professora e com a Educação do Campo, conheci outras mulheres que me ensinaram a lecionar sem esquecer do afeto. E como dizia Freire, não podemos falar em educação sem falar em amor.

Nesse contexto cresci ouvindo as histórias da minha avó, de como era difícil a vida no interior de um município rural, tendo que buscar água em purungo², passando por barrocas e carreiros, ela conta que:

“mora na roça é bão porque levanta cedo, sabe que vai lá fazê aquele serviço, que ta fazendo, tá carpindo, tá roçando, tá plantando, tá arrancando, tá guardando, tá limpando, tá levando pro “paió” pra come [...]”, “a vida no campo é divertida, é sofrida, é boa e é bonito a gente vê as planta bonita, linda, quando não chove a gente, os colono ficam triste, só não se usava nada na terra, era plantado na terra porque a terra era boa, plantava lá e sabia que ia colher mesmo [...]” “quando tinha uma roça bem grande pra carpi convidavam tudo, vinha vizinho de longe, daí matavam porco, faziam aquela festa de tanta gente comendo, pra vim carpi de graça, porque a gente não vencia as roça grande. Roça, planta vencia, mas carpi não vencia, daí o outro lá fazia todo mundo ia lá, num dia só ficava pronto, a roça é assim, vivê em comunidade [...]” “a vida das mulher era sofrido, cuidar de criança, trabalhar na roça, levar lá pro meio os carvão... Fazer comida, algum já ia pra escola outros não, depois pra roça também, chega de noitinha em casa fazer janta, banho era num gamelão feito de madeira, maior parte era lavado as mão e os pé, banho não era fácil não era tudo que usava toma banho, daí tinha que encher aqueles panelão de água, pra esquentar, pra ponha lá, pra tomar banho, daí todo mundo tomava banho na mesma água, num dava pra fazer pra tudo [...]” “se fosse professora ia

² Lagenaria siceraria é uma espécie de Lagenaria, popularmente conhecida como purungo.

criar meus filho diferente também, mais no limpo, pois daí tinha que sair... Só acho que os alunos não eram como agora, não davam muito trabalho, se eu tivesse sido professora seria diferente".. (Relato Araci da Silva Reinerdt).

Para além das histórias da agricultura, ouvi histórias das relações de gênero. Antes me questionava como uma mulher que me ensinou a ser forte, resistente e empoderada, tinha aceitado tantas coisas e não teve o direito de escolher sobre a própria vida, sua profissão, seu marido, tudo foi decidido pelo pai e pelos irmãos. Hoje, entendo e a acolho, percebendo a importância de cada história e segredo partilhado comigo, e de como é difícil desconstruir ideias enraizadas pelo patriarcado. Percebo a alegria nos olhos quando ela me fala da agricultura, de como é gratificante poder colher as verduras que plantou e ver as árvores bonitas, lindas.

Quando conheci o Grupo AMHO, uma senhora em específico me chamou a atenção, Dona Marilda, que por sinal é amiga da família. Nela e na minha avó vi tudo aquilo que lia nos livros feministas, como resistência, empoderamento e lutas. Dona Marilda fez parte do Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina desde seu início, na década de 80.

Nos anos da década de 1980 se consolidaram diferentes movimentos de mulheres nos estados, em sintonia com o surgimento de vários movimentos do campo. Nós trabalhadoras rurais construímos a nossa própria organização. Motivadas pela bandeira do Reconhecimento e Valorização das Trabalhadoras Rurais, desencadeamos lutas como: a libertação da mulher, sindicalização, documentação, direitos previdenciários (salário maternidade, aposentadoria,...), participação política entre outras. (Movimento das Mulheres Camponesas, 2019)³

Enquanto ela falava das marchas até o Congresso para lutar por direito das mulheres camponesas, eu só pensava no quanto era grata por aquilo. Minha avó camponesa se aposentou aos 55 anos, minhas alunas camponesas são aposentadas, esse direito, no entanto, só foi conquistado porque muitas Donas Marildas se uniram em movimentos sociais para tirarem o trabalho da mulher camponesa da invisibilidade e provar que elas eram agricultoras, tendo então acesso à aposentadoria, tal como o homem agricultor. Tenho direitos conquistados por mulheres que morreram para que hoje eu pudesse estar aqui na Universidade, escrevendo um Trabalho de Conclusão de Curso a partir de uma epistemologia

³ Citação retirada do site do Movimento das Mulheres Camponesas, <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>>.

feminista. Deste modo, a partir do entrelaçar da vida de muitas mulheres rurais, vejo o quanto é necessário contar essas histórias, nossas histórias, buscando valorizar nossas ancestrais. Esta pesquisa, portanto, tentará ser mais um capítulo da história das mulheres rurais ao narrar a história do Grupo AMHO e suas relações com a agroecologia.

1.3 PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO

O Projeto de Pesquisa e Extensão Práticas Sociais em Educação do Campo: intersecções de classe, raça e gênero na pesquisa e na ação, da qual a autora é bolsista e a orientadora é coordenadora, pelo projeto de extensão da PROEX (UFSC), teve grande papel na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, pois a pesquisa participante e a ação na realidade junto ao grupo AMHO caminharam juntas no ano de 2019. O objetivo deste projeto é realizar ações de extensão ligadas às intersecções de classe, gênero e raça, nos locais que estudantes da Educação do Campo estão presentes, seja nas escolas do campo ou nos Tempos Comunidades, fazendo com que a Educação do Campo saia da universidade e trabalhe nas comunidades, valorizando o campo, nesse caso, valorizando sobretudo o trabalho das mulheres. O grupo AMHO surgiu através de uma pesquisa de tempo comunidade, e a partir disso se tornou um objeto de pesquisa tanto para o projeto como para o TCC.

A pesquisa de TCC se iniciou em 2018 e o projeto de extensão, em 2019. A primeira ação de extensão do projeto foi realizar um encontro de mulheres para uma formação com o tema “Mulheres e Agroecologia”. Nessa formação estavam presentes as mulheres do grupo, bolsistas e orientadora do projeto e mulheres da comunidade. As discussões se estenderam para além da agroecologia, foi discutido a questão fundiária, papel social da terra, os papéis de gênero no campo, a desvalorização do trabalho reprodutivo, e a agroecologia, o funcionamento do grupo, desafios e potencialidades que se encontram no tópico acima.

Neste dia surgiu uma fala que marcou as pessoas presentes, e se tornaria título de um capítulo deste trabalho, Dona Verônica e Dona Marilda dizem que na agroecologia “Só resistem os teimosos. A gente é espinho nos pé dos outros, somos

formiguinhas teimosas da agroecologia”, o que nos traz os desafio dessa vida de produtoras agroecológicas.

A convivência com o grupo trouxe o contato com o Movimento de Mulheres Camponesas e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. No início do ano a autora começou a lecionar na disciplina de Ciências Agrárias pelo Projeto ProJovem Campo, Saberes da Terra no Assentamento Rio do Pito, assentamento de reforma agrária que fez parte do MST. Por ter contato com Dona Marilda a docência se tornou mais fácil, as alunas são agricultoras, produzem a cultura do tabaco, foi promovido encontro entre as alunas e o grupo AMHO para troca de experiência e saberes, as técnicas do grupo foram introduzidas nas hortas da escola e na casa das agricultoras.

Figura 1: Formiguinhas teimosas da agroecologia, formação sobre Mulheres e agroecologia na propriedade de Dona Marilda



Fonte: Arquivo da autora

Figura 2: Formação sobre Mulheres e agroecologia na propriedade de Dona Marilda



Fonte: Arquivo da autora

O projeto realizou uma ação na 6ª Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária, com o tema “Violência Contra a Mulher do Campo: O que isso tem a ver com a Reforma Agrária?” Estavam compondo a mesa de debate uma egressa da LEDOC que defendeu seu TCC sobre violência contra a mulher do campo, e Dona Joana integrante do MMC do oeste catarinense que fez parte do documentário que a mesa vinha a discutir “Sozinhas – Violência contra as mulheres que vivem no Campo”. Posteriormente informações sobre evento e o debate foram levados para o grupo AMHO e para a sala de aula do ProJovem. Em outro dia do evento Dona Joana aceitou participar de uma entrevista para o Trabalho de Conclusão de Curso que se encontra no primeiro capítulo no tópico Agroecologia para as Mulheres do Movimento. Dona Joana também cedeu materiais do MMC como cartilhas, folhetos, jornais que auxiliaram nesse TCC.

Figura 3: Mesa Violência Contra a Mulher do Campo: O que isso tem a ver com a Reforma Agrária?



Fonte: CALE CAMPO⁴ - UFSC

Figura 4: Cine debate como documentário Sozinhas – Violência contra as mulheres que vivem no Campo



Fonte: CALE CAMPO - UFSC

⁴ CALE CAMPO – UFSC - Centro Acadêmico de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Figura 5: Mesa Violência Contra a Mulher do Campo: O que isso tem a ver com a Reforma Agrária?



Fonte: CALE CAMPO – UFSC

Figura 6: Mística em defesa dos direitos na 6ª Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária



Fonte: CALE CAMPO – UFSC

Além das ações citadas anteriormente, no mês de agosto/setembro as bolsistas do projeto foram até a cidade de Curitiba-PR para a 18ª Jornada da

Agroecologia. Lá apresentaram os trabalhos realizados com o grupo AMHO. A jornada foi feita na rua levando a universidade para o povo. Demais estudantes da Educação do Campo também participaram do evento mostrando que produzimos ciência, valorizando os saberes populares dos/as camponeses.

Figura 7: 18ª Jornada da Agroecologia, varal com fotos sobre as ações do Projeto de Extensão



Fonte: Arquivo da autora

Figura 8: 18ª Jornada da Agroecologia, varal com fotos sobre as ações do Projeto de Extensão



Fonte: Arquivo da autora

Figura 9: 18ª Jornada da Agroecologia, varal com fotos sobre as ações do Projeto de Extensão



Fonte: Arquivo da autora

O projeto buscou caminhar junto com o TCC em 2019, realizando ações no município de Itaiópolis e para além dele, proporcionando debates importantes para o campo, trazendo as intersecções de classe, gênero e raça, além da oportunidade de participação em eventos conhecendo outras mulheres camponesas que fazem da agroecologia um modo de vida, para agregar no trabalho, na pesquisa e como educadora.

Citar este projeto na concretização deste trabalho é importante para finalizar o relato de como esta pesquisa foi construída, na relação entre ensino na Educação do Campo, extensão por meio do projeto, e pesquisa participante materializada neste TCC. Cumpre-se assim a função da Universidade Pública e os grandes aprendizados para a minha formação, possibilitando ainda uma ampla compreensão sobre relação entre mulheres e agroecologia.

Este trabalho tem como objetivo buscar entender quais são os limites e as potencialidades da produção agroecológica para as mulheres do Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis (Grupo AMHO), compreendendo o significado e a ligação da agroecologia na vida das agricultoras. Para conseguir atingir esses objetivos a pesquisadora participou das reuniões periódicas de organização do grupo, as quais eram debatidas questões de produção agroecológica, troca de plantas e técnicas, e auto-organização do grupo para os encontros regionais. As reuniões são realizadas mensalmente uma vez em cada

propriedade que ficam em diferentes localidades do município. Além das reuniões, visitou as propriedades em outros dias, para ver como funcionava a rotina das agricultoras, uma visita com entrevista na propriedade da Jandira e outra na Dona Marilda, na qual Dona Verônica estava presente. Uma das reuniões foi realizada na propriedade do Mauro e da Deyse, e outra na Dona Marilda. Participou de eventos diversos, organizou oficinas, contribuiu na organização da produção agroecológica, através do projeto de pesquisa e extensão da qual a autora é bolsista, Práticas Sociais em Educação do Campo: Intersecções de classe, raça e gênero na pesquisa e na ação, foi realizado uma formação como tema “Mulheres e Agroecologia” na propriedade de Dona Marilda, com esse encontro foi recolhido relatos das mulheres. O grupo AMHO faz parte da Rede Ecovida de Agroecologia, história será aprofundada com o decorrer do texto.

Esse trabalho de conclusão de curso está dividido em dois capítulos, o primeiro capítulo trará uma revisão bibliográfica com os dois principais conceitos, mulheres e agroecologia. No segundo capítulo discutiremos sobre o desenvolvimento da pesquisa, apresentando o Grupo AMHO, os avanços e os desafios dessa forma de produção, por fim, apresentaremos as considerações finais do trabalho com os resultados da pesquisa, limites e potencialidades dessa forma de vida. O primeiro capítulo está dividido em seis partes: Mulheres e agroecologia, Movimento de Mulheres Camponesas, Projeto de Extensão e a Agroecologia para as mulheres do Movimento, Dona Marilda O início de uma experiência e a Agroecologia como resistência de Guerra.

O segundo capítulo trará a pesquisa, como foi realizada, desde o primeiro contato com o grupo, as reuniões, vivências, formações, as dificuldades e potencialidades dessa forma de vida. Está dividido em sete partes: Grupo AMHO – Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis, Organização Coletivos, desafios e potencialidades da agroecologia como modo de vida, encontros e reuniões realizados, Projeto de Pesquisa e Extensão e suas ações.

2. CAPÍTULO 1 – “EU NAO VEJO A AGROECOLOGIA COM OUTROS OLHOS A NÃO SER O FEMININO”

O primeiro capítulo tem como objetivo trazer os conceitos que serão apresentados durante o trabalho, usando como base o Movimento de Mulheres Camponesas, além das autoras PRIMAVESI, SAFFIOTI, BONI, CHERFEM, CINELLI e CONTE, HADICK, BASTIANI, SALVARO e LAGO. A frase que dá nome ao capítulo já diz muito sobre o trabalho, foi dita por Dona Marilda na nossa primeira conversa sobre movimentos sociais e mulheres.

2.1 Contextualizando conceitos

Esse trabalho de conclusão de curso foi pensado a partir de uma perspectiva feminista camponesa e popular⁵, com foco nas mulheres camponesas que fazem da agroecologia um modo de vida e de trabalho. Segundo o Movimento de Mulheres Camponesas.

Para nós do MMC o Feminismo Camponês e Popular é respeito a nosso modo de vida, baseado no projeto de agricultura camponesa e agroecológica, mas é também transformação, pois, busca construir as bases para uma sociedade sem classes, a sociedade socialista e feminista. (Movimento de Mulheres Camponesas. 2018, p.11)

Partindo dessa perspectiva, uma das principais referências desta construção é o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), o qual se fez muito presente neste trabalho, a partir de encontros e leituras. A partir disso busco fazer uma breve abordagem dos conceitos mais relevantes para a realização e compreensão deste estudo. Buscando apoio em Saffioti (1994), busco contextualizar gênero e patriarcado, entendendo de que forma as opressões se dão no campo e, nesse caso, dificultando a produção orgânica e agroecológica. Entende-se como gênero uma construção social e histórica, não podendo ser definido somente pelo sexo

⁵ Feminismo Camponês e Popular, com Identidade e Revolucionário: Esse conceito é a base do Setor de Gênero do Movimento dos trabalhadores rurais (MST), e de outros movimentos que tem como pauta o debate de gênero e camponês, entendido a partir de uma análise da realidade atual do campo em nível internacional. Conceito utilizado pela Via Campesina, uma organização internacional de camponeses composta por movimentos sociais e organizações de todo o mundo, disponível em < <https://viacampesina.org/es/>>

biológico com o qual nascemos, mas sim através das relações que se construíram durante toda a nossa vida, segundo Saffioti

O conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito. Desta sorte, trata-se de conceito crescentemente preciso, que prescinde das numerosas confusões de que tem sido alvo. (SAFFIOTI, 2011, p. 136)

Fazemos parte de uma sociedade onde o patriarcado e o capitalismo dominam, se tornando duas forças opressoras capazes de controlar desde a economia até a forma como se dão as relações sociais.

Conceber gênero como uma relação entre sujeitos historicamente situados é fundamental para demarcar o campo de batalha e identificar o adversário. Nestas circunstâncias o inimigo da mulher não é o homem, nem enquanto indivíduo, nem como categoria social, embora seja a personificado por ele. O alvo a atacar passa a ser uma concepção relacional do padrão dominante de gênero. (SAFFIOTI, 1994 p.275).

Trazendo para a nossa realidade, os papéis de gênero vão ter um peso diferente para homens e mulheres. No campo, as meninas são ensinadas a cozinhar, cuidar da horta e dos afazeres domésticos, além dos trabalhos na roça, para ser uma boa esposa e muitas vezes deixar os estudos em segundo plano. Aos meninos cabe aprender as técnicas agrícolas, muitas vezes nos colégios específicos para isso, (alguns internatos somente masculinos). Eles vão com os pais para a roça e quando crescem acabam ficando com a administração da propriedade, enquanto as mulheres saem do campo ou se casam para sair de casa, acabam se mudando para a propriedade do marido, segundo Boni.

As mulheres foram criadas para serem filhas e esposas obedientes... A socialização da mulher rural foi muito dura. Ela foi educada para aceitar o que os homens decidem ou, se não para aceitar, pelo menos para não se opor. Para a mulher não é fácil abandonar o habitus de ser dominada e para o homem é também muito difícil deixar de ser o dominador. (BONI, 2017, p.95).

Essa forma de divisão dos trabalhos é conceituada como divisão sexual do trabalho e segundo Kergoat apud Cherfem (2015) temos dois elementos principais e organizativos para esse conceito: o da separação que consiste em dizer que existem trabalhos de homem e outros de mulher, e o da hierarquização, ressaltando a ideia de que o trabalho de homem vale mais do que o de mulher.

O trabalho produtivo corresponde ao trabalho valorizado socialmente, remunerado economicamente e que atribui prestígio social a quem o realiza, enquanto o reprodutivo refere-se ao trabalho de cuidado e engloba as tarefas destinadas a reproduzir a vida cotidiana (CHERFEM, 2015, pg. 64)

Analisando a forma como se dão às relações sociais, não podemos colocar os homens como nossos inimigos, mas não podemos esquecer que vivemos em uma sociedade capitalista e patriarcal, a qual reforça os papéis de gênero.

Relações patriarcais e machistas na família e nas comunidades camponesas, as quais inviabilizam, negam e inferiorizam o trabalho da mulher camponesa, o conhecimento delas, sobrecarregam com os trabalhos domésticos e praticam as diversas formas da violência contra as mulheres. Por isso, nós camponesas lutamos para que estas relações sejam discutidas e superadas, desta forma (Movimento de Mulheres Camponesas, 2018 p.12).

O Movimento de Mulheres Camponesas vem justamente contrapor essa ideia através de um feminismo camponês e popular, buscando equidade, além de produzir alimentos de forma agroecológica garantindo e valorizando a economia solidária e a soberania alimentar.

2.2 Mulheres e Agroecologia

O presente trabalho não tem como foco as técnicas agroecológicas e como aplicá-las, mas sim de que forma se dá a relação das mulheres com a agroecologia, como um modo de vida e de projeto social para o campo. Portanto, foi utilizado como referência para agroecologia a engenheira agrônoma Primavesi (2016), e para a relação das mulheres com a agroecologia, buscou-se apoio em relatos de agricultoras do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), e referências bibliográficas nas cartilhas produzidas pelo MMC, e autoras BONI, CINELLI e CONTE, HADICK, BASTIANI, SALVARO e LAGO.

Estudando brevemente a história da agricultura podemos observar os avanços tecnológicos. Segundo Stedile e Carvalho (2015), o debate ideológico foi tão forte durante as décadas de 60 e 70 que o governo estadunidense usou a influência para que o Premio Nobel da Paz, de 1970 fosse entregue ao agrônomo Norman Borlag, que acabou se tornando um dos principais propagadores da

revolução verde, com isso a maioria dos países capitalistas aderiu aos métodos da revolução verde.

No contexto da luta ideológica durante o período da Guerra Fria, com um conceito introduzido e difundido pelo governo dos Estados Unidos de que o problema da fome era causado pela baixa produtividade físicas das lavouras. E que, portanto, se deveria difundir novas técnicas de produção agrícola baseadas no seu modelo de agroquímicos, com uso intensivo de adubos químicos, venenos agrícolas e mecanização agrícola. Esse pacote técnico foi chamado de revolução verde, pois pelo aumento da produtividade físicas das lavouras se eliminariam a fome, e se combateria a proposta da revolução vermelha, das ideias socialistas. (STEDILE, CARVALHO, 2015, p. 40).

Com essa “revolução”, o sistema capitalista cria uma nova forma de fazer agricultura, sementes quase indestrutíveis, máquinas que fazem todo o trabalho pesado precisando apenas de alguns comandos, segundo Primavesi.

A agricultura em si já é uma violência às estruturas e aos processos da natureza e seus serviços ecossistêmicos vitais para a vida superior e a produção. A agricultura atual modificou radicalmente os ecossistemas, implantando sistemas mecanicistas, não naturais, com visão de curtíssimo prazo, a favor de lucros momentâneos, que destroem o solo, os cursos de água, o clima e o futuro da humanidade. (PRIMAVESI, 2016, p. 191).

A agricultura está cada vez mais avançada, e como vivemos em uma sociedade capitalista o foco não é acabar com a fome no mundo, mas sim gerar lucro. Segundo Stedile e Carvalho (2015), na década de 70 a fome atingia aproximadamente 60 milhões de pessoas, um grande problema. A “solução” buscada pelo capitalismo para resolver a questão foi a revolução verde, passaram-se quatro décadas e o número de pessoas que passam fome aumentou em dez vezes.

Novas técnicas de produção agrícola baseadas no seu modelo de agroquímicos com o uso intensivo de adubos químicos, venenos agrícolas e mecanização agrícola. Esse pacote tecnológico foi chamado de revolução verde, pois pelo aumento da produtividade física das lavouras se eliminam a fome, e se combateria a proposta da revolução vermelha, das ideias socialistas. (STEDILE, CARVALHO, 2015, p. 40).

A agricultura produz, mas os latifúndios têm como foco o monocultivo de grãos, soja, milho, feijão, para a exportação sem se preocupar com a comida que vai para a mesa e de que forma isso acontece. Segundo Stedile e Carvalho.

O que se pode constatar, de fato, é que as tecnologias agrícolas da revolução verde foram, antes de tudo, uma forma das empresas norteamericanas difundirem e venderem em todo mundo suas máquinas,

seus adubos e venenos agrícolas. Menos do que equacionar a problemática da fome e da destruição, o resultado maior foi a maior e mais intensa concentração da propriedade de terra e da produção, ampliando o êxodo rural e as migrações entre países, ocasionado maior empobrecimento dos camponeses e mais fome em todo o mundo (STEDILE, CARVALHO, 2015, p.40)

Contudo, existem outras formas de produzir alimentos, de uma forma saudável, orgânica e agroecológica, sem o uso de venenos, buscando um novo contato do ser humano com a terra, nas palavras de Primavesi.

Existe outro tipo de agricultura, que trabalha com os ecossistemas, embora simplificados, respeitando a natureza, conservando os solos, os cursos de água, a paisagem (projetando-a da livre passagem dos ventos) e o clima, conseguindo com isso uma produção ecológica e economicamente melhor e sustentável. Um solo sadio mantém as plantas saudáveis e plantas saudáveis formam uma alimentação saudável, que mantém os seres humanos físicos e mentalmente saudáveis. São pessoas saudáveis, com espírito saudável, não destroem sua base vital e o ambiente em que vivem, mas o conservam. Não somente cuidam de seus solos e do meio ambiente, mas também de seus próximos, criando bem-estar e paz. (PRIMAVESI, 2016, p. 191).

Atingimos a uberização⁶ até dos alimentos, rápidos e fáceis. Nesse contexto, viver e produzir de forma orgânica e agroecológica acaba se tornando difícil. Este modo de viver não apenas conserva o meio ambiente, mas busca uma alimentação saudável, como também pensa nas relações do ser humano com a natureza. Contrapondo essa ideia capitalista de transformar tudo em lucro, existe uma outra forma de ver o mundo, de se pensar em uma sociedade, por exemplo, a economia solidária e camponesa visando a segurança alimentar⁷ e a soberania alimentar⁸. Nas palavras de Caldart.

⁶ Uberização segundo a Dr. ABÍLIO Ludmila Costhek, “a uberização é um novo passo tanto nas terceirizações quanto na redução do trabalhador à pura força de trabalho, disponível, desprotegida, utilizada na exata medida das demandas do mercado”. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/160-noticias/cepat/577779-o-mundo-do-trabalho-em-um-contexto-deuberizacao>

⁷ Segundo STEDILE, CARVALHO, (2015 ,p 37). Segurança alimentar é uma política pública realizada por alguns governos em países, cujo objetivo é garantir o direito a alimentação de toda a população, para isso são criados vários meios de distribuição de renda ou alimentos como cestas básicas de alimentação, tíquetes de refeição e programas de renda mínima como o Bolsa Família, no Brasil, entre outros.

⁸ Segundo STEDILE, CARVALHO (2015, p 37). É um conjunto de políticas públicas e sociais, parte do princípio que dê para o povo ser soberano e protagonista, é necessário que tenha recursos para a produção do seu próprio alimento, independentemente do local que esteja. Ou seja, ter condições de produzir alimentos básicos que um povo necessita em seu território.

A agroecologia representa a base científica da construção de uma lógica de agricultura industrial capitalista, que é o modelo ainda hegemônico, embora já integre a crise do capitalismo. [...] A agricultura contraposta não tem um modelo único. Ela tem variações próprias a diversidade e a história de seus sujeitos, mas se desenvolve, na diferenciação, desde um mesmo pressuposto: a necessidade de produzir um modo de fazer agricultura com a natureza e não contra ela; para e pelo ser humano, e não contra ele. Uma agricultura em que especialmente os alimentos possam ser fonte de saúde, de alegria, de vida, como direito de todo ser humano. E que projeta a construção de novas relações sociais de produção (CALDART, 2016, p.2 apud HADICH e BASTIANI, 2017, p 134.)

Para se compreender a importância da agroecologia e como modo de vida é preciso entender onde vivemos, de que modo vivemos e os projetos políticos que temos para o campo. Vivemos em uma sociedade capitalista voltada para lucro e mais valia, mecanizando tudo o que é possível e tornando a vida artificial. “A riqueza produzida é reconhecidamente aquela destinada e vinculada para o mercado, sendo este controlado em grande medida pelos capitalistas” (MMC, 2012, p 6.). Esse modelo desvaloriza e inferioriza o trabalho das mulheres, tornando-o invisível.

O trabalho de reprodução da vida, seja produção de alimentos para o autossustento das famílias, ou mesmo o cuidado de crianças e idosos, limpeza da casa, cuidados com a saúde nas famílias, não é considerado trabalho produtivo. Estas tarefas são consideradas improdutivas, e, em geral são feitas por mulheres. Logo, o trabalho que interessa aos capitalistas, é o trabalho produtivo, pois gera a chamada mais-valia e o lucro. (MMC. 2012, p 6)

Existem dois projetos antagônicos para o campo, dois modos de se pensar e fazer agricultura. O capitalismo traz o projeto do agronegócio, que envolve latifúndios geralmente de monoculturas, grandes investimentos e voltados para a exportação. Contrapondo essa ideia de lucro e mais-valia temos a agricultura camponesa, responsável por grande parte da produção de alimentos que chegam até a nossa mesa, e fazer isso de forma agroecológica é se preocupar com os alimentos, com a natureza, o solo, as águas e a vida, o que tem sido historicamente destinado às mulheres.

A agricultura é a ocupação de um espaço em que os seres humanos, transformam a natureza e assim, produzem (e reproduzem) sua existência, inclusive produzido alimentos, instrumentos e artesanato (MMC, p 11. 2012).

Cabe destacar que as mulheres apresentam historicamente uma relação intrínseca com a agroecologia. A epistemologia feminista, ao resgatar a história das mulheres, enfatiza que elas foram as responsáveis pela criação da agricultura.

Historicamente, o cultivo da terra foi tido como uma atribuição feminina. O cultivo das sementes e plantações, a transmissão do conhecimento tradicional nas famílias. Da mesma forma, a observação dos processos naturais e cósmicos que permitiram às mulheres desenvolver valiosos conhecimentos sobre o corpo, os ritmos e os ciclos (HADICH, BASTIANI, 2017, p 138).

A partir de observações, as mulheres foram capazes de compreender o ciclo da vida e, a partir disso, a agricultura, o cuidado com a terra, e hoje buscam isso de uma forma que não agrida a natureza.

Terra, todo dia ela te dá, é que nem uma mãe, ela se doa para o filho direto, então pensa bem como é necessário cuidar da terra. [...]. Quando eu comecei a participar o Movimento de Mulheres Camponesas, assim porque, eu sentia muita, me sentia assim muito, assim com muita ansiedade dentro de mim, sabe? Porque eu queria mais na minha vida e assim comecei a plantar, comecei a produzir mais, comecei a colocar comida gostosa na mesa, comecei, e foi acontecendo essa transformação, antigamente eu ia na horta e eu colocava uma luva, hoje eu não consigo colocar luva, parece que eu agrido o solo, tem que ser assim, com a mão.[...] . A gente até fala as coisas que agride o meio ambiente “vo faz umas covas pra planta batata”, cova é pra morto né? Se você fizer um berço pra plantar uma planta, e vai lá manda um fazer uma cova, e você faz um berço pra vê a diferença, ela vai crescer muito mais bonita, a transformação assim, eu tenho certeza que ela vem através da semente, que a gente resgata. [...] e uma transformação assim, dá pra dizer mágica. (BODANEZE. Lourdes. Mulheres da Terra, 4:20 minutos, 2010).

A agroecologia percebe o ser humano como parte da natureza, sobretudo a mulher, que está ligada a ela, ligada a terra, seja pelas crenças, ou a capacidade de ambas de produção e reprodução de vida. Não tem como separarmos a mulher da agricultura, a agroecologia é das mulheres.

A agroecologia une os movimentos e as pessoas, no período em que os/as estudantes da UFSC do curso de Educação do Campo entram em greve algumas ações foram realizadas. No caso da turma 7, estudantes de Mafra, Rio Negrinho e São Bento participaram de um encontro com os jovens do Movimento de Trabalhadores Rurais. Os/as estudantes se reuniram em Rio Negrinho onde seguiram para o assentamento que fica localizado no interior do município próximo ao assentamento do Rio do Pito onde a autora é docente.

Nesse encontro foram realizados debates sobre os modos os projetos de agricultura para o campo, os/as jovens da LEDOC puderam conhecer e compartilhar seus saberes com os/as jovens do MST. No período da tarde, dois grupos foram formados para a parte prática do encontro, plantar hortaliças na estufa e nos canteiros fora dela.

Figura 10: Encontro dos/as Estudantes da Educação do Campo e Jovens no MST



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 11: Encontro dos/as Estudantes da Educação do Campo e Jovens no MST



Fonte: Arquivo pessoal

2.3 Movimento de Mulheres Camponesas – MMC

Para prosseguir com o trabalho, possibilitando a compreensão da história das mulheres camponesas e o seu vínculo com a agroecologia, faz-se necessário discorrer sobre o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), tendo como referência as cartilhas produzidas pelo movimento e as autoras BONI (2017), SALVARO e LAGO (2008), CINELLI e CONTE (2010).

A organização das mulheres camponesas se iniciou na década de 80, posterior a um período de ditadura no Brasil. No Oeste Catarinense a modernização da

agricultura chegava e com ela o êxodo rural, o contexto é de luta por oposição sindical, pelos direitos da classe trabalhadora.

A Igreja Católica teve um papel fundamental na criação e organização do Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA), do qual deriva o MMC. A Comissão Pastoral da Terra (CPT), junto com as alas progressistas da igreja, iniciaram o movimento de união das agricultoras para realizar a sindicalização delas, pois poucas eram associadas aos sindicatos e ficavam na categoria “esposa de agricultor”. A partir desta vinculação aos sindicatos, as mulheres começaram a reivindicar seus direitos, tais como documentação, como a carteira de identidade, título de eleitora, CPF, nome no bloco de notas de produtor⁹ etc. Essa documentação poderia garantir a aposentadoria das mulheres como agricultora. Contudo, a sindicalização não garantiu que essas mulheres fossem ouvidas, uma vez que os sindicatos eram dominados pelos homens que impunham outras pautas como essenciais, sendo a pauta das mulheres entendida como secundária.

A partir disso, passa a existir a necessidade de se criar um grupo específico de mulheres para que elas pudessem ter voz. Nota-se aqui um exemplo de como as relações de gênero e a divisão sexual do trabalho estão presentes na sociedade. As mulheres trabalhavam igual aos homens na produção agrícola e nos próprios sindicatos, mas não ocupavam espaços de lideranças e não tinham espaços para as suas reivindicações, por isso tiveram que criar movimentos próprios para terem as suas pautas como prioridades.

No dia 25 de julho de 1981, no distrito de Itaberaba, município de Chapecó, começou as primeiras ações de estruturação do movimento de mulheres agricultoras. Se caracteriza por reunir sujeitos em busca de direitos historicamente negados às mulheres. Em 1983 surge de fato o Movimento de Mulheres Agricultoras (MMA) que se consolida e ganha força de outros municípios no ano de 1985. A partir de 1988 as mulheres começaram a organizar caravanas até Brasília, com o intuito de pressionar os deputados para que pudessem ter os mesmos direitos que as trabalhadoras urbanas, como licença maternidade, auxílio doença, entre outros. Também para diminuir a idade para se aposentar, que passou a ser 55 anos para

⁹ Bloco de Notas de Produtor: Documento que registra as transações comerciais realizadas na propriedade.

as mulheres e 60 anos para os homens. A Constituição de 1988 passa então a reconhecer os direitos previdenciários dos trabalhadores rurais como segurados especiais garantidos pela lei nº 11.718/08¹⁰. Direitos esses que mesmo na constituição só foram garantidos pela da auto-organização das mulheres camponesas, que lutaram para essa conquista.

As primeiras pautas do movimento tinham caráter classista e trabalhista, a sindicalização das mulheres deu força para a classe de agricultores. Em 1990, no município de Chapecó, ocorreu a 4ª Assembleia Estadual do MMA, e o debate de gênero se fez presente. A partir disso, uma série de questões passaram a ser problematizadas a saber: a participação das mulheres na sociedade, relações desiguais, porque o crédito rural só era oferecido ao chefe da família, e porque o homem era chefe da família, porque somente eles eram responsáveis por manter relações com os bancos, cooperativas, sindicatos, partidos políticos e com os técnicos, enquanto a mulher cabia o trabalho reprodutivo de cuidado com as crianças, os mais velhos, cuidado com a casa, as hortas, animais de pequenos porte, trabalho este penoso e altamente qualificado, mas não valorizado.

Outra pauta era a educação dos filhos, que era, em casa, responsabilidade exclusiva da mulher, e na escola, da professora, reforçando a divisão sexual do trabalho. Com isso, elas começaram a se preocupar e pensar que os filhos deveriam executar as mesmas atividades que as filhas, preocupando-se com uma educação igualitária para os meninos e meninas.

A 4ª Assembleia foi decisiva no movimento, a partir dela foram retirados eixos que o norteiam, como: democracia, formação das militantes, divulgação do movimento, conquistas alcançadas e as dificuldades enfrentadas pelo MMA.

Posterior a isso, no ano de 1995 foi criada a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR), que reuniu mulheres de vários movimentos, Movimentos Autônomos, Comissão Pastoral da Terra – CPT, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, Pastoral da Juventude Rural - PJR, Movimento dos Atingidos pelas Barragens – MAB, alguns Sindicatos de Trabalhadores Rurais e, no último período, o Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA. Segundo o Movimento de Mulheres Camponesas.

¹⁰ Segurados especiais: São trabalhadores rurais que produzem em regime de economia família.

Este processo de articulação dos movimentos de mulheres e das mulheres dos movimentos mistos foi marcado por:

Mobilizações: acampamentos estaduais e nacional.

Celebração de datas históricas e significativas como o dia 08 de março, Dia Internacional da Mulher; 28 de maio, Dia Internacional de luta pela saúde da mulher; 12 de agosto, dia nacional de luta das mulheres trabalhadoras rurais contra a violência no campo e por Reforma Agrária; 7 de setembro, Grito dos Excluídos.

Lutas: a continuidade e ampliação dos direitos previdenciários, a saúde pública, novo projeto popular de agricultura, reforma agrária, campanha de documentação...

Formação: política – ideológica, direcionada aos diferentes níveis da militância e da base.

Materiais: elaboração e produção de cartilhas, vídeos, panfletos, folhetos e cartazes como instrumentos de trabalho para a base e para as lutas. (MMC, 2019)¹¹

Com todas essas conquistas e acontecimentos, outro conceito começa a entrar em pauta, o “camponês”, que passa a substituir o termo “agricultoras”. O movimento acaba aderindo a essa denominação porque camponesa abrange as agricultoras, assalariadas rurais, pescadoras e extrativas, ou seja, trata-se de um conceito histórico e mais amplo, abrangendo todas as trabalhadoras do campo. Os movimentos de mulheres começam a se unir e em 2004 passa a ser então Movimento de Movimento de Mulheres Camponesas, agora abrangendo muito mais que as mulheres do MMA. No mesmo ano, em junho, o Brasil recebia a IV Conferência da Via Campesina, portando o Movimento de Mulheres Camponesas, Movimento do Trabalhadores Rurais sem Terra, e o Movimento dos Pequenos Agricultores, passaram a se reconhecer como movimentos camponeses.

O movimento de mulheres camponesas assume a missão de libertação das mulheres trabalhadoras de qualquer tipo de opressão e discriminação. Isso se concretiza nas lutas, na organização, na formação e na implantação de experiências de resistência popular, onde as mulheres sejam protagonistas de sua história. Lutar por uma sociedade baseada em novas relações sociais entre os seres humanos e deles com a natureza (Movimento de Mulheres Camponesas. 2018. p 10).

O movimento de mulheres camponesas se intitula como movimento autônomo, de base, de classe, socialista pois afirma assim a sua identidade feminista.

¹¹ MMC: disponível em <http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>

Autônomo porque são mulheres camponesas que decidem os rumos do movimento, suas ações e estratégias,

De base porque o núcleo central onde se concretiza a organização das mulheres são os grupos de base nas comunidades rurais,

Feminista porque lutamos pela liberdade, autonomia das mulheres e pelo fim das desigualdades,

Camponês porque o sujeito principal da nossa organização são as camponesas, são essas mulheres que tem a sua vida ligada ao rural em suas diversas formas de ser, que compõe o MMC. E assim somos sujeito da luta por um projeto e agricultura popular, camponesa e agroecológica com perspectiva feminista,

Popular porque assumimos a construção de um projeto popular de país, para a construção de uma **sociedade socialista**. (Movimento de Mulheres Camponesas. 2018. p 11).

Luta que se é plantada no peito, o movimento fez a união dessas mulheres, que conquistaram, além de direitos sociais e reconhecimento como trabalhadoras rurais, direitos contra o patriarcado, como sair de casa, valorizar seus saberes e conhecimentos ancestrais em torno da agroecologia, ir atrás e lutar pelos seus direitos e de tantas outras mulheres. Segundo o MMC.

No Projeto de Agricultura Camponesa defendemos a produção de alimentos saudáveis, de qualidade e diversificados para a mesa das famílias camponesas e para toda a sociedade, não como uma novidade ou como uma moda, mas como o resgate do nosso modo de vida, preservando a cultura e a identidade do campesinato que o modelo do agronegócio tem negado, desvalorizado e tentado acabar (Movimento das Mulheres Camponesas 2015. p.12)

Nota-se nessas falas que as lutas das camponesas sempre foi por melhorias para a vida das mulheres camponesas, mas que essas conquistas, como consequência, melhoram a vida de toda a classe trabalhadora. O movimento mudou a forma de produção, de vida e de como elas viam o mundo, hoje transformam o mundo não só nas palavras, mas nas ações, cuidando das nossas águas, solos, sementes e vida. Segundo o MMC.

2.4 Agroecologia para as mulheres do Movimento

Ao participar do Projeto de Extensão “Práticas Sociais em Educação do Campo: intersecções de classe, raça e gênero na pesquisa e na ação” em parceria com o Coletivo Feminista Marielle Franco ¹², pude conhecer agricultoras do MMC para além da região do Planalto Norte. Nesses encontros pude observar que as bandeiras de lutas, as dificuldades e as demandas daquelas mulheres são muito similares às demandas do grupo AMHO, o que se dá devido o contexto social camponês e à formação de base proporcionada pelo MMC. Entre as ações do projeto citado, destaco a formação com o grupo AMHO de Itaiópolis trazendo o tema “Mulheres e Agroecologia”, e a roda de conversa sobre “Violência contra a mulher do Campo: O que isso tem a ver com a Reforma Agrária? ”, realizada durante a 6ª Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária, que aconteceu na Universidade Federal de Santa Catarina nos meses de abril e maio de 2019. Na mesa estava presente uma professora egressa do curso da Educação do Campo e a Dona Joana Sebben, militante do MMC do Oeste Catarinense, que participou do documentário “Sozinhas - Violência contra mulheres que vivem no campo” produzido pelo Diário Catarinense em 2017.

Tive a oportunidade de conversar com a Dona Joana, e fiz a pergunta que me motivou a escrever esse projeto “O que mudou na sua vida a partir do Movimento de Mulheres Camponesas?” E a resposta foi a seguinte:

A partir que eu comecei a participar do Movimento, mudou o jeito de ver as coisas. A gente começou a sair de casa, já dizia o Don José Gomes, o nosso bispo, ele dizia que a mulher que sai de casa para ir no movimento, ela cresce, daí ela não cabe mais ficar só em casa né? Ela cresce, ela expande mais do que a casa, e isso aconteceu realmente, então a gente começou, a partir do movimento, conhecer outras experiências, ver que é possível produzir sem usar o pacote verde, sem usar agrotóxico. A vida nossa mudou, o jeito de ver as coisas, o jeito de consumir. E também a gente começou a conhecer outras companheiras, outras experiências, ver que é possível fazer troca de sementes, troca de produto e se desafiar também a usar o microfone, a participar das coisas da Universidade, vim fazer uma fala bem tranquila, antes de participar do movimento eu não tinha coragem pra isso, não tinha, como que se diz? Argumento pra estar falando e nem coragem, no meio dos alunos, dos professor, pra conseguir falar né? Então o movimento fez a gente crescer nesse sentido também, de conseguir em público falar, e mostrar as nossas qualidades que é

¹² O Coletivo Feminista Marielle Franco foi criado no ano de 2018, com as alunas e professoras do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza e Matemática, com o objetivo de reconhecer e fortalecer a união das mulheres dentro do curso e da Universidade.

diferente de outras, mas não é inferior. O movimento disponibilizou isso pra mim também, que eu sou capaz e sou assim, como se diz, da gente se empoderar das qualidades que a gente tem... A gente como camponês, agricultor não se sentir inferior, é meio cultural assim, exposto pra gente que agricultor era inferior, uma classe mais submissa, mas agora a gente aprendeu que não é isso que a gente não é inferior, que a gente é igual a qualquer outro, com condições e maneira de vida diferente. (Entrevista com Dona Joana Sebben: 23/05/2019. Florianópolis).

Nota-se na resposta de Dona Joana que o Movimento tem um duplo papel na vida das mulheres: a relação com outras mulheres, o que fortalece o coletivo com a troca de experiências; e o empoderamento advindo dos novos conhecimentos e aprendizagens. Tanto o conhecimento sobre a agroecologia e sobre os modos de produzir, como o conhecimento que advém da participação e ocupação de novos espaços públicos. As mulheres passam a ser sujeitos sociais que podem ocupar diferentes espaços e ter voz.

Essa resposta me motivou a contar as histórias de tantas Joanas que são invisibilizadas pela sociedade. A aproximação dessas agricultoras com os movimentos sociais que trazem um olhar feminista e emancipatório faz com que tomem consciências das opressões sofridas (classe, gênero, etnia), revelando a forma como resistem e se tornam sujeitos políticos cotidianamente.

Nos encontros em que estive com Dona Marilda, a integrante do grupo AMHO que também teve uma formação de base junto ao MMC, perguntei a ela o que o movimento agregou na sua vida, e a importância da agroecologia:

Quando eu fui pro movimento no começo era luta por direito, e a questão das sementes, e até hoje, a preservação das ervas medicinais, a preservação das sementes... E quando a gente percebe que a gente não ta sozinho, já te falei da dificuldade, mas eu não sou uma andorinha sozinha no mundo...A gente percebe que as pessoas que se envolveram no movimento, na pastoral da terra, no SINTRAF, no MST também né? Principalmente as mulher, elas são guerreira... Quando eu digo que a agroecologia pra mim, ela é uma vida, é uma resistência que as mulheres resistiram no tempo da guerra, não vamos longe. Aqui teve a guerra do contestado, as mulheres que ficavam, porque os homens, os meninos de 12 anos iam pro combate, então as mulheres ficavam com as crianças pequenas e com as meninas, e como que não morreram de fome? Cada ranchinho tinha um canteirinho de couve, e as sementinha, elas tinham semente, então a agroecologia pra mim é uma resistência de guerra, quem foi pro combate não é herói, herói é aquele que ficou e tratou aquele que ficou pequenininho doente, e quem é que ficou com essa bandeira? Quem que carregou esse fardo? Se os homens saiam de casa, então, não dá pra separar a agroecologia de mulher, não dá, não dá pra separar o resgate da semente, o ser guardião da semente, existem alguns homens, mas são as mulheres não têm, onde você for pesquisar você vai ver que você vai encontrar algo dessa natureza." (Entrevista Dona Marilda, 2019.)

Na fala da Dona Marilda nota-se novamente a quantidade de aprendizados e conhecimentos adquiridos ao participarem do movimento e dos espaços públicos. Nota-se também a relação genuína das mulheres com a agroecologia. No entanto, quando se trata da produção agroecológica temos dois lados antagônicos para discutir: as vantagens dessa forma de produzir, tanto na alimentação, melhora da saúde, como na relação com a natureza, mas também as dificuldades de levar a agroecologia como um modo de vida em meio a sociedade que tem o agronegócio como modelo político para o campo. Como diz Dona Marilda, contar sobre os espinhos no caminho.

Mais conhecida que feijão preto, Marilda, eu moro aqui, que bom que vocês tão aqui, eu fico feliz porque era um sonho, um sonho meu que hoje tá se realizando, de consegui chegar a conversar com quem tá no caminho da formação pra gente colocar pra pessoas a parte mais dolorida da função, porque é muito bacana tá formado pra trabalhar, mas e qual que são os espinhos no caminho? Será que alguém vai contar? Então eu sou assim bem bocuda em contar os espinhos no caminho, e que bom que vocês tão aqui. (Entrevista Dona Marilda, 20 de abril de 2019).

Cada agricultora tem uma dificuldade diferente para viver de modo agroecológico, a falta da mão de obra, falta de procura no mercado, falta de sucessão na propriedade, as pragas que atacam as lavouras. A agroecologia anda junto com a natureza, sem forçar ou antecipar os ciclos naturais, portanto, o próprio clima às vezes é traiçoeiro com as produtoras, mas elas buscam soluções para isso. A dificuldade mais comum é a falta de conscientização das pessoas para com a causa agroecológica.

As pessoas da família, as pessoas que vem lá da cidade, as pessoas que poderiam, que tem até um poder aquisitivo que podia tá vindo comprar, somar com a gente de qualquer forma, somar com a gente! A gente não vende o olho da cara, tá faltando as pessoas vim e dizer “ó eu quero comprar teus alface, teus repolho, tuas cenoura, eu quero vir aqui ajudar a colher”, entente? Tá faltando isso, a teoria de cuidar da natureza é muito linda, mas botar a mão na massa ali meu amigo, é doido, e não tem juventude. Existe uma vírgula, na questão da agroecologia, pra expandir a agroecologia, que é a questão aproximar a cidade do campo, porque na teoria é tudo muito fácil [...]. O que se cria ainda você perde porque não tem comércio, então assim, onde tá o cidadão do perímetro urbano que quer na teoria que a mata fique em pé, que quer que a agroecologia exista, mas ele não chega pra somar! Ai eles me dizem assim, as pessoas com mais poder aquisitivo que poderiam somar, “contanto que tenha pra comprar lá no mercado, não interessa o que é, da onde que vem” que frustração! (Entrevista Dona Marilda, 20 de abril de 2019).

Podemos observar essas dificuldades em várias falas das mulheres do grupo AMHO, como conta Dona Jandira.

Até 2010 trabalhava de forma convencional. Quando eu conheci achei maravilhoso, porque eu achava que era impossível. É muito bom a gente saber que pode ir tirando e comendo, saber que meu neto tá comendo comida saudável desde criancinha. Hoje em dia a gente já vê as nutricionistas recomendando, quem puder comer o agroecológico, vem de uma cultura que o orgânico tem que ser muito caro, mas tem que ser um preço justo pra gente conseguir produzir, mas também que seja justo pro consumidor. (Entrevista Dona Jandira 20 de abril de 2019).

A agroecologia não pode ter uma simples definição de ciência ou modo de produção orgânico. É como viver se preocupando com a natureza, com as relações humanas, transformando palavras em ações. Entender a terra como um bem, como mãe e nesse processo se reconhecer como mulher, camponesa, negra etc. Construir uma auto-organização, o trabalho coletivo, é aprendido na prática, o saber popular que carregam sobre cultivos, onde, como, o que, é de que forma plantar é o mesmo saber científico que o livro traz.

Essas mulheres nem chegaram a se conhecer (Dona Marilda e Dona Joana), mas através da fala é possível notar de que forma se dá a formação no movimento, os discursos, as bandeiras de luta. Produzem ciência e passam a mudar seu modo de vida e da família, a transformar suas realidades e vivências em um espaço de educação não formal, construindo coletivamente um processo político pedagógico feminista em articulação com a agroecologia.

Diante da conjuntura do país, é necessário contar essas histórias de mulheres que resistem e inspiram, para que não percamos a esperança, na luta, na educação, na vida.

2.5 Dona Marilda – Formiguinha teimosa da agroecologia

Dona Marilda, o motivo desse trabalho de conclusão de curso. Uma história de luta que merece ser compartilhada. Trata-se de uma mulher que fez parte da história do MMC e que é habitante de Itaiópolis, sendo uma referência importante não apenas para mim, mas para a agroecologia no município e para a história das mulheres camponesas.

No ano de 2017 através do tempo comunidade e da disciplina de aprofundamento temático (gênero e sexualidade), uma das propostas de trabalho era pesquisar grupos de mulheres e movimentos sociais de mulheres das nossas comunidades para fazer um resgate sobre a criação dos grupos, os objetivos e

demandas. O grupo de TC de Itaiópolis realizou uma roda de conversa na qual Dona Marilda participou como entrevistada. Nessa conversa ela nos falou sobre o grupo AMHO (Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas) a qual ela fazia parte, também nos contou como deu início a sua história de militância pelo MMC.

Dona Marilda era catequista, o seu primeiro contato com o movimento foi por causa da Igreja, na época, o Padre Pedro e a Irmã Maria comunicaram as catequistas sobre um encontro que teria em Lages, no dia 8 de março. Ela e duas colegas de Mafra, município vizinho, foram para esse encontro, no qual foram tirados encaminhamentos para o próximo encontro que seria no município de Xanxerê. Um desses encaminhamentos seria a presença de lideranças das comunidades nos municípios, na época, em Itaiópolis eram uma ou duas lideranças por comunidade representando o Movimento de Mulheres Agricultoras MMA. Aconteciam várias formações algumas pelo movimento e outras pela pastoral da terra, as mulheres organizavam campanhas de alimentos para conseguir dinheiro para financiar as viagens.

A mobilização Nacional de Mulheres se iniciará, causando revolução nos pequenos municípios, até a capital do país. Em Santa Catarina a Deputada Estadual Luci Choinacki (filiada ao Partido dos Trabalhadores, mandato 1987 a 1991), agricultora e Coordenadora, Movimento Estadual de Mulheres, SC (1984-1987), teve um papel importante na organização das mulheres até a Marcha em Brasília. O intuito da manifestação era fazer com que o presidente, Fernando Collor de Mello, retirasse da gaveta o projeto de aposentadoria dos/as trabalhadores/as rurais, feito conseguido através de luta e organização. Dona Marilda, conta sobre os dias de viagens e os dias de negociação com os/as deputados/as para que o projeto fosse aprovado.

Cada um levou uma coisa para comer, broa, pão, mel, doce. Tinha colchonete no ônibus do começo ao fim, uma levantava outra deitada.... Chegou umas altura da viagem que paramos em um posto pedir água pro chimarrão e banho, falaram que não iam cobrar, nisso desceu aquela mulherada do ônibus mas duas ou três por banho, em dez minutos tava todo mundo pronto, na hora da água pro chimarrão cobraram uma fortuna, mas foi uma viagem engraçada... Chegamos lá ficamos em um lugar que era feito exposição de carro, de boi, era só coberto, dormia em colchonete fino, e assim foi três dias de negociação e não se resolvia nada dentro daquele negócio, mas depois quando tiraram da gaveta, foi uma conquista grande. - (Entrevista direta Dona Marilda 24/09/2019).

Depois da luta, as mulheres voltaram para seus municípios, as reuniões lotavam os salões das pequenas comunidades, mas conforme as pessoas iam conquistando a aposentadoria, licença maternidade, iam sumindo, as reuniões iam esfriando. Dona Marilda ficou no movimento por mais três anos (1990 a 1992), no tempo em que parou a militância foi mãe novamente, da sua filha caçula, mas no ano de 1999 iniciou um curso ofertado pela EPAGRI¹³ sobre agroecologia, no município de Canoinhas. O curso era três etapas (julho, agosto e setembro), ela pegava ônibus até chegar lá, na época tinha apoio da Pastoral da Terra e dos/as amigos/as. Voltou a militância com o SINTRAF¹⁴ (2002), o mesmo organizava formações na Escola Pública Estadual-Casa Familiar Rural de Irineópolis, sobre agricultura familiar, onde Dona Marilda conheceu a AGRECO-Associação de Agricultores Ecológicos e a Rede Ecovida de Agroecologia. Voltou para Itaiópolis decidida a participar da Rede, reuniu agricultoras do município e fundaram a Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas em 2007. No dia 23 de julho de 2012 deram entrada nos papéis para participar da Rede Ecovida de Agroecologia. Após a transição em 2013 receberam a certificação.

Com toda a história, pergunto onde começa, onde se inicia essa vontade de lutar pela agroecologia, o que significa agroecologia para Dona Marilda, qual foi a importância de estar em um movimento de mulheres camponesas.

Desde criança, eu me lembro que eu tava na escola e era eu que limpava o galinheiro pra mãe, varria o terreiro, limpava a estrebaria, então quando eu varria o terreiro a mãe dizia assim “Leva lá no pé do figo, leva lá no pé da laranjeira, porque nós tinha um pomar muito lindo, quando meu pai faleceu, deixou um pomar muito grande, muito lindo implantado, tinha pêra, mimosa, laranja, figo, pêssego ameixa, [...]. A minha mãe ela contava uns causos, que o meu pai quando ele tava servindo o exército, era o tempo da segunda guerra quando ele veio, ele não chegou a ser um expedicionário, quando ele tava no porto pra embarcar pra combate, acabou a guerra, então ele dizia que o adubo era veneno, quando uma vez um certo cidadão chegou no portão de casa, quando era bem revolução, implantando a questão de semente e coisarada, inclusive adubo ele comprou, meio assim como quem diz, porque ele sabia como era por trás, ele tava no exército ele sabia como era por trás disso aqui né? Então quando ele comprou a minha mãe disse “porque comprou então, se isso é uma porcaria?” e ele disse assim “que tal se a gente é retalhado, não se sabia quem era o homem do governo que tava pra implantar a revolução verde”, tanto é que, diz que meu pai fez umas colher de taquara pros meus

¹³ EPAGRI: Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

¹⁴ SINTRAF: Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar

irmãos mais velhos colocar no milho pra ele, não por a mão, ele dizia “não ponhe a mão no adubo” então assim, ele tinha esse conhecimento. (Entrevista direta Dona Marilda 24/09/2019).

A história de Dona Marilda foi marcada desde o começo por uma outra forma de produzir alimentos e contato diferente com a natureza e as relações humanas.

Tinha bastante pera, e feijão que era trazido pra casa, batido com a varra né? Ai ficava no terreiro aquele monte de palha de feijão e dai a mãe disse assim “que tal fizesse um composto?” dai eu comecei, ela me deu um espaço no quintal, e eu trazia palha, aquelas carrinhada de pera, eu ponhava um do lado da outra, apertava aquela palha, trazia esterco, e ia buscar palha de novo e pera, quando ela via que o monte tava meio tombando ela ia lá e me ajudava a endireitar, então eu tenho isso meio que de criança, eu ajudei muito minha mãe na horta, nossa eu tenho saudade de tanta coisa. [...]. Eu sou descente de europeu, mas eu me criei aonde? Onde que eu gostava de ir todo dia? Na casa do caboclo que tinha do outro lado da estrada, ir lá chorar na fumaça, naquele fogo de chão, toma aquele chimarrão, comi uma canjica, uma coisa assim que eles mesmo faziam no pilão eu moía a quirera pra eles, e quando eles faziam canjica eles levavam pra mim... Eu sempre fui assim, acho que nasci na família errada, devia ser uma índia ou uma cabocla. (Entrevista direta Dona Marilda 24/09/2019).

Contar essa e várias outras histórias de mulheres que inspiram é, além de dar visibilidade, valorizar e agradecer por cada luta e conquista. Quando conheci Dona Marilda vi na prática tudo o que eu tinha lido sobre feminismo, sufragistas, direitos etc. A Universidade despertou o meu interesse por feminismo, ancestralidade e agroecologia, contudo passei a entender o verdadeiro significado das teorias estudadas quando me uni ao Grupo AMHO, vivenciei experiências, compartilhei, aprendi os saberes populares e científicos na prática, as lutas e os espinhos que carregam. Se não fosse pela Dona Marilda esse grupo em Itaiópolis não existiria dessa forma, e a minha formação enquanto sujeito não seria essa.

2.6 Agroecologia das mulheres como resistência de guerra

Esse trecho do trabalho traz um breve relato sobre a Guerra do Contestado para que possamos entender porque Dona Marilda traz a agroecologia como uma resistência de guerra e o papel das mulheres como guardiãs das sementes.

A história da região foi marcada por um confronto armado entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Para contar um pouco dessa memória foi usado como base a pesquisa feita no ano de 2016 para o diagnóstico do município e AMADOR

(2009). Em seguida será feita uma análise dessa história com uma epistemologia feminista, ou seja, dando destaque a mulher nesse capítulo que marcou a história da região.

Itaiópolis estava entre as terras que foram palco e disputa da Guerra do Contestado. A disputa se iniciará em 1853, quando os/as camponeses/as exigiram o direito de posse de suas terras.

Uma luta camponesa pela posse da terra levou às armas cerca de 20 mil pessoas, gerando um dos maiores conflitos, sociais da história do país. Os caboclos, população que habitava a região se revoltou contra os governos estaduais, que promoviam a concentração da terra em benefício dos grandes fazendeiros. Também a revolta ocorreu contra o governo federal, que concedeu uma extensa área de terra à empresa norte-americana – Brazil Railway company - responsável pela construção do trecho da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, que ligava o sul com o sudeste do Brasil. Foi um fenômeno de ordem econômica e política que provocou profundas mudanças sociais na região oeste catarinense e, principalmente, para a população cabocla. (AMADOR, 2009 p.499)

A Guerra do Contestado teve início em 1912. Segundo os imigrantes, as terras que receberam do governo havia bastante erva-mate e madeira na região. O ciclo da madeira e da erva-mate foi muito importante para a economia local da época, conseqüentemente as propriedades que possuíam madeiras e ervas em suas terras despertavam interesse visando o lucro. Quando a madeira se encontrava na propriedade de fazendeiros a mesma era comprada, e quando se encontrava em propriedade de caboclos era retirada sem pedir permissão, às vezes gerando conflitos e até mortes.

Na Guerra do Contestado, a expulsão da população cabocla contou com a participação da política coronelista que imperava na região através dos fazendeiros estabelecidos. Estes também viam o caboclo como empecilho para a expansão de suas propriedades e só o consideravam um serviçal de seus interesses nas tarefas rotineiras das fazendas. Os fazendeiros e seus jagunços, aliados às tropas oficiais, cumpriram papel central na repressão e dizimação da população revoltosa (AMADOR, 2009 p.500)

Nos relatos das sobreviventes da Guerra, encontrado no diagnóstico (2016), elas contam que, as mulheres, inclusive as grávidas, crianças, idosos e os indígenas eram mortos sem piedade. Em Itaiópolis a Guerra teve seu término no Reduto dos Tavares¹⁵, localizado na Serra do Craveiro, esse confronto final foi marcado por

¹⁵ Reduto dos Tavares: O comandante da batalha na região tinha este sobrenome

sangue e covardia, na parte superior da Serra se encontravam os caboclos, e na parte inferior os militares. Os/as imigrantes contam que existiam uma bandeira vermelha (continuar a Guerra) e uma branca (cessar Guerra). Os caboclos levantaram a bandeira branca, pois estavam debilitados, quando desceram a Serra foram exterminados. O confronto teve seu término por completo em 1916, onde foi dividido Paraná, Santa Catarina e Itaiópolis passou a pertencer a Santa Catarina.

Dona Marilda relembra a Guerra através das memórias da sua avó, que usava um avental com bolsos onde guardava as sementes crioulas e trocava com as vizinhas em cada visita feita.

Quando eu digo que a agroecologia pra mim, ela é uma vida, é uma resistência que as mulheres resistiram no tempo da guerra, não vamos longe, aqui teve a Guerra do Contestado. As mulheres que ficavam, porque os homens, os meninos de 12 anos iam pro combate, então as mulheres ficavam com as crianças pequenas e com as meninas, e como que não morreram de fome? Cada ranchinho tinha um canteirinho de couve, e as sementinha, elas tinham semente. Então a agroecologia pra mim é uma resistência de guerra, quem foi pro combate não é herói, herói é aquele que ficou e tratou aquele que ficou pequenininho doente, e quem é que ficou com essa bandeira? Quem que carregou esse fardo? Se os homens saiam de casa, então, não dá pra separar a agroecologia de mulher, não dá, não dá pra separar o resgate da semente, o ser guardião da semente, existe alguns homens, mas sem as mulheres não tem, onde você for pesquisar você vai ver que você vai encontrar algo dessa natureza. - Entrevista direta Dona Marilda (24/09/2019).

A fala de Dona Marilda revela como a história da agricultura está ligada com das mulheres. Não tem como olharmos para o passado e não valorizar nossas ancestrais. Importante notar, com esta fala, o papel que as mulheres tiveram de preservação das sementes durante a Guerra. Sem elas provavelmente a agroecologia não teria sido preservada na região. Ao serem guardiãs das sementes as mulheres contam a história da agroecologia na região do Contestado, sendo as responsáveis pela sua conservação.

À medida que o ser humano foi se desenvolvendo aprendia a identificar as plantas, raízes e frutos, os quais foram sendo domesticados e utilizados na alimentação. Neste aspecto, pesquisas aponta, que não muito dívida do papel fundamental que as mulheres desenvolveram com relação à agricultura que foi surgindo e elas observando e iniciando as primeiras intervenções, ou seja: plantando, enterrando caroços ao perceber que nasciam e davam novos frutos, os quais precisavam e mais gostavam. (MMC, 2012, p.11).

No decorrer da história da humanidade as mulheres construíram uma relação com as sementes, pois sempre estiveram mais ligadas aos cuidados com a alimentação.

As mulheres são, como total evidencia, agricultoras em tempo integral e as cultivadoras aportam uma contribuição substancial na conservação e na gestão geral dos recursos filogenéticos para a conservação da agricultura. (...) No Sudeste asiático, no pacífico e na América atina, as hortas cultivadas por mulheres aparecem entre os sistemas agrícolas mais complexos que se tem conhecido (LEON, 2003, p.2018 apud MMC, 2012. p 12)

A conservação dessas sementes está ligada a autonomia das camponesas. Elas guardavam as sementes nos seus bolsos, aventais, sacolas, cestas, e na época de plantio observam a lua lançando as sementes na terra e cultivando o milagre da vida. A troca de sementes crioulas também é muito comum, é feita entre vizinhas, familiares, conhecidas. Na região do Planalto Norte a crença nas benzedadeiras é muito forte, são pessoas simples muitos ligadas a fé e a religião, na maioria das casas do interior se encontram uma horta com plantas medicinais que são cultivadas para o uso em forma de chás, compressas, inalação, emplasto entre outras. A cura é um “dom herdado” e desenvolvido por mulheres e homens da região para fazer o bem, apesar do agronegócio tentar eliminar os/as camponeses/as.

É interessante perceber que nestes momentos de encontro e festa, entre outros, o melhoramento genético, a preservação das espécies qualificando os alimentos para o consumo. Ainda que haja grandes alarmes que o campesinato, os pequenos produtores e produtoras irão desaparecer, estudiosos mostram o contrário: é possível mostrar que os (as) camponeses (As) permanecem sendo uma categoria de trabalho enorme no mundo, apesar de todas as formas violentas de desterritorialização, expulsão e massacres destes povos (MMC, 2012. p.12).

Nos últimos anos alguns grupos se formaram nos municípios para fazer a troca de sementes, o que acabou se tornando um encontro regional que é realizado no município vizinho, em Papanduva. O grupo AMHO participou do último encontro, em 2019, que reuniu vários agricultores/as da região em um domingo para a troca de sementes crioulas, venda de alimentos, artesanato, visando o trabalho coletivo a partilha e o melhoramento genético. O encontro mostra como a prática das mulheres se consolidou na região e segue perpetuando a possibilidade de existência da agroecologia.

Figura 12: 2º Encontro das sementes Crioulas em Papanduva



Fonte: Arquivo da autora

Figura 13: Certificado de guardião das sementes Crioulas.



Fonte: Arquivo da autora

Figura 14: ProJovem Campo Saberes da Terra no 2º Encontro das Sementes Crioulas em Papanduva



Fonte: Arquivo da autora

3. CAPÍTULO 2 - A IMPORTÂNCIA DA AGROECOLOGIA NA VIDA DAS MULHERES CAMPONESAS DO GRUPO AMHO

Este segundo capítulo é dedicado à pesquisa propriamente dita. Ele busca apresentar detalhadamente os procedimentos metodológicos e análise da pesquisa participante que ocorreu nos anos de 2018 e 2019, junto o grupo AMHO. Buscou-se observar a organização coletiva e os avanços e as barreiras de levar a agroecologia como um modo de vida. O capítulo também abordará sobre o projeto¹⁶ de pesquisa e extensão da qual a autora faz parte e a auxiliou na construção dessa pesquisa e nas ações.

¹⁶ Projeto de Extensão: Práticas Sociais em Educação do Campo: Intersecções de classe, raça e gênero na pesquisa e na ação, tem como coordenadora a professora Dra. Carolina Orquiza Cherfem (carolina.cherfem@ufsc.br) e as bolsistas Eduarda Yanara S. dos Passos (dudaayanara@gmail.com) e Fabiana C. S. de Souza (faabe.souza@gmail.com). O projeto tem como objetivo principal realizar ações de extensão vinculadas à intersecção das categorias de classe, gênero e raça nos contextos de atuação dos estudantes de Educação do Campo, realizando as ações de extensão e formação, na Universidade e para além dela, contemplando os objetivos do projeto e demonstrando sua importância acadêmica e articulação social local.

3.1 Grupo AMHO – Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis

O primeiro registro da Associação das Mulheres Agricultoras em Itaiópolis foi no ano de 2007 com aproximadamente doze mulheres. A UNITAGRI e a Assistência Técnica Extensiva Rural - ATER Mulher organizavam alguns encontros de formação. Foi nesses espaços onde Dona Marilda e Dona Jandira se conheceram em 2010, espaço de potencialidades. No ano de 2011 às agricultoras decidiram buscar a certificação de orgânico e agroecológico através da Rede Ecovida de Agroecologia, mas não foi uma decisão unânime, o que gerou conflitos dividindo a Associação em um novo grupo. O grupo AMHO se consolidou em 2011, com três mulheres Dona Marilda, Dona Jandira e Dona Verônica, posteriormente em 2013 o grupo foi certificado pela Rede Ecovida.

Assim que a gente fez o ATER e se conheceu passei a fazer parte, conheci o pessoal da associação e do grupo, naquela época tavam em 12 um grupo bem grande. Alguns queria certificar, então quando partimos pra certificar em 2013, as pessoas que não queriam certificar deu um desentendimento. Não precisava ter saído do grupo, podia ter ficado na associação porque não precisa de certificação de orgânico pra associação só para o grupo AMHO – (Entrevista direta - Dona Jandira – 24 de abril de 2019)

No início da pesquisa em 2018, o grupo era composto por cinco integrantes, três agricultoras e dois agricultores. As veteranas Marilda, Jandira e Veronica trouxeram a ideia de produzir de forma sustentável por meio da agroecologia e, recentemente, dois homens, Mauro e José Luis, se uniram a causa. Elas já possuem a certificação dos produtos orgânicos. No decorrer da pesquisa, Mauro também foi certificado. O grupo faz parte da Rede Ecovida de Agroecologia, a qual tem seu funcionamento baseado na organização das famílias produtoras em grupos informais, como associações que são organizações que têm por finalidade a promoção de assistência social, educacional, cultural, representação política, defesa de interesses de classe, filantrópicas, cooperativas que buscam uma finalidade econômica, ou grupos. No caso da AMHO, produz para o sustento da família e para venda, tem a agricultura como fonte de renda.

A sede da Rede Ecovida está localizada no município de Canoinhas SC e atende aproximadamente 200 famílias no Planalto Norte Catarinense. A rede faz esse trabalho há 20 anos e é responsável pela certificação dos produtos orgânicos

e pela fiscalização das propriedades, bem como realiza trabalhos de conscientização social, organiza trocas de sementes crioulas entres os produtores e a socialização dos grupos, associações e cooperativas.

Os novos integrantes do Grupo AMHO passaram pelo processo de transição da propriedade, da agricultura convencional ou orgânica para a agroecológica. Esse processo, no entanto, é demorado, pois implica em desintoxicar as terras e animais da propriedade, o que leva cerca de um ano e meio a dois anos. Após isso é feito a fiscalização para aprovar ou não a certificação. Mauro e sua companheira Deyse já produziam geleia de mirtilo orgânico para a exportação.

Para entrar no grupo, as veteranas Marilda e Jandira fazem a primeira abordagem na propriedade analisando e ajudando com a documentação necessária para receber a certificação e mandar para Rede. Depois, a parte de cultivo e de cuidado é responsabilidade de cada integrante que pretende buscar a certificação. As/os membros do grupo têm um caderno de campo e um plano de manejo anual, no qual anotam tudo que entra na sua propriedade, desde local das mudas, o que foi utilizado nelas, quando e em que quantidade, para poder fazer a prestação de contas na hora da fiscalização realizada pela Rede.

O Grupo faz reuniões mensais “para não esfriar”, como me conta Dona Marilda. Nessas reuniões fazem a socialização do que aconteceu na propriedade, conversam e se organizam para participar das reuniões regionais da Rede Ecovida. Nestas é obrigatório a participação de pelo menos duas/dois integrantes de cada associação, grupo ou cooperativa, elas/eles dividem as despesas para poder participar dos encontros, mas nunca deixam de comparecer e trocar experiências.

As/os agricultoras/es produzem de forma orgânica, as sementes vêm de hortos sem agrotóxico e não são transgênicas, isso quer dizer que nenhum alimento na propriedade tem veneno, além disso pensam de forma agroecológica, entendendo que está tudo ligado dentro da produção. Segundo Primavesi.

Um solo sadio mantém as plantas saudas e plantas saudas formam uma alimentação sadia, que mantém os seres humanos física e mentalmente saudas. E pessoas saudas, com espírito sadio, não destroem sua base vital e o ambiente em que vivem, mas o conservam. Não somente cuidam de seus solos e do meio ambiente, mas também de seus próximos, criando bem-estar e paz. (PRIMAVESI, 2016, p. 191)

Portanto, não só as plantas têm que estar desintoxicadas, mas sim tudo o que está na propriedade, cuidam da terra, da água, fazem as técnicas de manejo usando o que tem. Como diz Dona Marilda “agroecologia tem que ser sem matar[...] galinha feliz, ovo com mais qualidade”.

Por se tratar de uma pesquisa participante, estive presente nas reuniões mensais nas propriedades (Mauro e Marilda), além da pesquisa encontros feitos nas outras propriedades para realizar entrevistas semiestruturadas e conhecer a forma de produção, esses encontros e visitas serão descritos nos próximos tópicos.

3.1.1. As atividades do Grupo AMHO: Encontro Mensal na propriedade de Mauro e Deyse

A propriedade de Mauro e Deyse fica localizada na comunidade da Moema, em Itaiópolis, aproximadamente 40km da sede da cidade. Para se deslocar até lá, o grupo escolheu um carro e dividiu as despesas. O encontro estava marcado para o dia 16 de maio de 2019, no início da tarde e após alguns minutos chegamos ao destino. A propriedade é bem conhecida na região pela produção de morangos orgânicos e exportação de geleia de mirtilo. O encontro se iniciou com uma acolhida, logo em seguida as trocas de produtos entre o grupo começam a ser feitas ali mesmo na entrada. Fomos recebidos provando semente de cacau, e. Essa organização inicial “refrigerante” agroecológico conhecido como Kombuchá¹⁷ já evidencia na prática o modo agroecológico de organizar a vida e os encontros coletivos.

Figura 15: Degustação de cacau e Kombuchá na propriedade de Deyse e Mauro



Fonte: Arquivo da autora

¹⁷ Kombuchá: Bebida fermentada feita através de kefir

Figura 16: Preenchendo a ata do encontro na propriedade de Deyse e Mauro



Fonte: Arquivo da autora

A reunião se estende para a mesa onde a ata do grupo começa a ser escrita, inicia trazendo demandas da reunião que a REDE irá realizar em um município próximo, onde é indispensável a presença de no mínimo dois/duas integrantes por grupo. São feitos repasses de informações do grupo e decidido o local da próxima reunião, além disso é divulgado que em novembro será realizado um encontro ampliado da rede, onde mais de 4mil famílias que fazem parte no estado irão se reunir no município de Anchieta, provavelmente realizando um encontro da região Sul, pois estarão presente Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Após a reunião todos/as os integrantes do grupo presentes assinam a ata, e se deslocam para o interior da propriedade onde Mauro irá compartilhar e ensinar uma técnica agroecológica chamada Bokachi¹⁸. Posteriormente os/as membros do grupo se deslocam pela propriedade para ver as mudanças feitas, quais técnicas funcionaram, quais delas precisam ser aprimoradas, ou seja, para trocar os seus conhecimentos e aprendizados, o que mais uma vez evidencia os princípios coletivistas da agroecologia.

¹⁸ Bokachi: É um adubo foliar utilizado na produção de morangos na propriedade.

Figura 17: Compartilhado os saberes sobre a técnica de Bokachi



Fonte: Arquivo da autora

Figura 18: Morangos agroecológicos



Fonte: Arquivo da autora

Mauro tem um problema com os ninhos de formiga na produção de morangos e nesse dia um animal de pequeno porte havia invadido a uma estufa deixando pés de morango machucados e frutos comidos, o grupo dialogou sobre possíveis soluções para ambos problemas. Após fiscalizar a propriedade, tudo estava em

ordem, o grupo se desloca para a casa onde encontra um café colonial e agroecológico.

Figura 19: Café com lanche vegetariano e agroecológico



Fonte: Arquivo da autora

Com as demandas anotadas, informações e técnicas repassadas o grupo se despede, agradeço pela tarde, pela vivência muito rica que agregou conhecimento, o qual pude levar para a sala de aula do ProJovem.

Retornamos a sede da cidade, onde o grupo se encaminham para as suas propriedades e pensam o próximo encontro.

3.1.2. Lições de agroecologia: Encontros mensais na propriedade de Dona

Marilda

A propriedade de Dona Marilda se localiza no km 27, início do município, aproximadamente 10km da sede. No dia 21 de agosto o grupo AMHO se reuniu na propriedade para realizar a sua reunião mensal. Como a propriedade não fica longe do centro da cidade, cada integrante utiliza seu meio de transporte para chegar até lá.

Figura 20: Encontro mensal na propriedade de Dona Marilda



Fonte: Arquivo da autora

O encontro se inicia com uma acolhida pela dona da propriedade, a ata da reunião começa a ser feita, algumas das pautas debatidas foram sobre o encontro da Rede, quais integrantes iriam. Após essa decisão ser tomada a conversa passa a ser sobre as propriedades, pois se iniciou o período de geadas e Itaiópolis se encontra em uma região bastante fria, Jandira relata que suas plantas não morreram com a geada. Já na Dona Marilda as plantas morreram, não tinha proteção contra os ventos frios, discutem também a alteração do plano de manejo (cada integrante faz anualmente para a sua propriedade), pois Mauro reduziu a produção de mirtilo e vai investir na produção de morangos e melancia, ainda enfrenta problemas com as formigas e o grupo aconselha plantar alho-poró no meio, como repelente. As trocas de produtos são realizadas. Mauro busca por citronela para fazer repelentes naturais, José ainda está passando pelo processo de transição para o agroecológico.

Nota-se neste processo que os encontros realizados sempre são permeados por trocas de conhecimentos, os quais também evidenciam as dificuldades enfrentadas pelos grupos na prática agroecológica. Muitos dos saberes acumulados são possíveis pela tentativa e erro, pelas experiências práticas e pela ajuda informal que fazem ao longo de suas trajetórias.

No meio da conversa se inicia um debate sobre a mudança na conta de água, e como afetaria os/as produtores/as rurais orgânicos e os monocultivos com agrotóxicos, "indústria química que tá ganhando, não o agricultor". Nesse mesmo

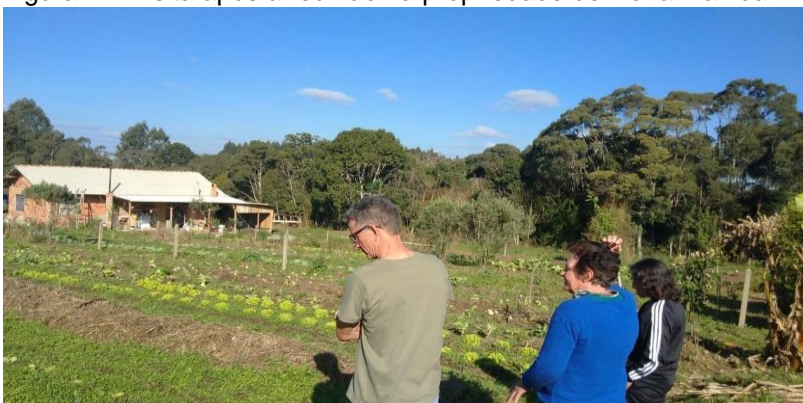
dia de compartilhar saberes, discussões sobre os projetos para o campo, encontros da rede, uma pauta é colocada, Dona Verônica pede o desligamento da rede.

Não tô vendendo nada mais, e pra ficar lá tenho que pagar, não compensa, as forças não ajuda mais, tem dias que em vez de ir carpi, eu vou dormir, o diabetes não abaixa de 200, vou sair da rede mas vou continuar sendo como eu sou, do grupo, sem veneno, eu vinha da roça e queriam passar veneno eu dizia" vão dormir então que eu vo carpi pq veneno não" nunca usei veneno. (Entrevista direta, Dona Verônica, 21 de agosto, 2019).

É visível a preocupação do grupo, mas Dona Verônica vem enfrentando problemas de saúde há algum tempo, o que faz com que o grupo entenda a decisão. Compartilham receitas caseiras que podem ajudar a reduzir a diabetes. É registrado em ata o pedido de desligamento e as outras pautas debatidas, o grupo assina e a visita na propriedade se inicia com Dona Marilda a frente mostrando as mudanças, os novos cultivos feitos, as novas técnicas utilizadas. O grupo conversa sobre o local da próxima reunião e se despede.

Nota-se neste processo as dificuldades de manter a agroecologia, mesmo Dona Jandira e Mauro tendo mão de obra e comércio para seus produtos, Dona Marilda e Dona Verônica não têm mão de obra para a produção, tem que escolher entre produzir ou sair para vender, pois o tempo que gasta na venda poderia ser usado para plantar e cuidar da produção. Dona Verônica sempre trabalhou na agricultura e buscou fazer isso sem o uso de agrotóxicos, mas agora é visível seu cansaço físico, sua saúde também necessita de cuidados, portanto a escolha foi sair do grupo, mas continuar auxiliando no que o grupo precisar. A distância dos/as integrantes do grupo acaba prejudicando, se morassem perto poderiam contribuir mais com as produções, variar os produtos. As propriedades também ficam longe do centro da cidade, dificultando a venda.

Figura 21: Visita após a reunião na propriedade de Dona Marilda



Fonte: Arquivo da autora

3.1.3. Um dia de Campo com Dona Jandira

No dia 24 de abril de 2019, logo pela manhã me desloquei até a propriedade da Dona Jandira na localidade do Poço Claro, Itaiópolis. O filho mais novo da agricultora me encontrou me levando até a propriedade da família. A ideia desse dia era acompanhar como era a rotina de Dona Jandira.

Jandira e seu filho apresentaram a propriedade começando pela criação de “galinhas felizes”, agroecológicas. Essa produção é utilizada somente para o sustento da família. Nota-se neste caso a preocupação em alimentar-se de modo saudável para as pessoas que possuem a agroecologia como modo de vida, ou seja, não se trata apenas de uma questão econômica, mas de relação com a vida e consigo mesmo.

Figura 22: Galinhas felizes na propriedade de Dona Jandira



Fonte: Arquivo da autora

Figura 23: Estufa de hortaliças na propriedade de Dona Jandira



Fonte: Arquivo da autora

Figura 24: Berço, abobrinha na propriedade de Dona Jandira



Fonte: Arquivo da autora

Logo em seguida conhecemos as estufas de hortaliças e as técnicas agroecológicas que são aplicadas nas verduras, tais como os repelentes e inseticidas naturais e os adubos foliares. Essa parte foi muito interessante, pois leciono como professora de Ciências Agrárias em um assentamento da Reforma Agrária, pelo programa ProJovem Campo-Saberes da Terra e as trocas de conhecimento sobre a produção agregaram na minha formação enquanto docente dessa disciplina. Pude partilhar também experiências realizadas no assentamento com as alunas que deram certo, fazendo a Educação do Campo na prática, resgatando os saberes populares e potencializando com os saberes científicos unindo a agroecologia.

Não se trata de uma supervalorização do saber popular, mas sim reconhecer o conhecimento existente nas práticas cotidianas de uma parcela da população que, muitas vezes, não é vista como detentora de saber. Trata de desconstruir o paradigma de uma única forma de educação, baseada somente no conhecimento científico, e explorar novas possibilidades (XAVIER, FLÔR, 2015, p. 310)

Figura 25: Coleta de microrganismos eficientes com arroz, na disciplina de Ciências Agrárias - ProJovem Campo Saberes da Terra.



Fonte: Arquivo da autora

Figura 26: Medindo o PH do solo com repolho roxo, na disciplina de Ciências Agrárias - ProJovem Campo Saberes da Terra.



Fonte: Arquivo da autora

Figura 27: Horta manda de temperos após aplicação de microrganismo eficientes, na disciplina de Ciências Agrárias - ProJovem Campo Saberes da Terra.



Fonte: Arquivo da autora

Figura 28: Horta mandala de ervas medicinais após aplicação de microrganismo eficientes na disciplina de Ciências Agrárias - ProJovem Campo Saberes da Terra.



Fonte: Arquivo da autora

Após o almoço com a família pedi para entrevistar Dona Jandira e seu filho Jocemar, as entrevistas serão descritas durante o texto. Podemos ver outro contexto quando comparada às outras experiências analisadas. A propriedade é comandada pela agricultora e seu filho, nos outros encontros foi debatido sobre a sucessão da propriedade e a falta de mão de obra. Esta questão é uma das principais apontadas por todas as mulheres do grupo e pela literatura, na medida em que as pessoas mais velhas não conseguem apoio dos jovens para seguir no trabalho. O tema foi abordado com o filho de Dona Jandira e será abordado ao longo do trabalho.

A pesquisa participante me aproximou mais das agricultoras e creio que por ser amiga do Jocemar a entrevista foi mais fácil de ser realizada quando questiono sobre a sucessão.

As entrevistas aplicadas foram semiestruturadas. No caso de Dona Jandira, pretendia investigar de que forma conheceu a agroecologia, como trabalhava com ela e qual a importância dessa forma de produção na sua vida. A história com a agroecologia se inicia no ano de 2010, seu irmão fazia parte do sindicato dos trabalhadores na cidade de Itaiópolis, e fez o convite para ela participar do ATER Mulher.

Eu aceitei o convite e posso dizer que foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida ter feito o ATER e conhecido o pessoal, foi lá que eu conheci a Marilda, fiquei sabendo que na nossa cidade existia um grupo, uma associação de orgânicos, porque até ali nós plantava tudo convencional. Plantava fumo, milho e quintal pro gasto, já vendia algumas verdurinhas na cidade, desde 94 meu marido começou a vender leite que foi um ano que a gente teve, um ano de safra ruim de fumo, começou a comprar leite dos outros e vender na cidade. Sempre plantava um pepino a mais umas verdurinhas, tinha pessoas que pediam e ele sempre que podia levava, não era nosso foco principal, a gente ainda plantava fumo. (Entrevista direta - Jandira 24 de abril, 2019).

Dona Jandira conta que após o falecimento de seu marido (2006), ela continuou vendendo leite e plantando as verduras, nesse trecho da conversa me recordo que quando pequena a minha avó comprava leite, e vinha em uma moto azul, às vezes com verduras junto. Em 2010 Jandira conheceu a forma de produção orgânica no ATER, conta que ficou impressionada ao saber que era possível plantar sem químicos. Após o encontro ela foi para casa e plantou tudo sem adubos químicos, mas como o solo estava debilitado não produziu nada. Começou com esterco e após três anos começou a fluir. Em 2013 começou a produzir leite para a cooperativa (Copórdia), ela já fazia parte da Associação de Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis, junto com Dona Marilda buscaram a certificação de orgânico e agroecológico.

Pergunto se ela percebeu algumas mudanças nas pessoas e na produção durante esses anos.

Os pontos negativos é a falta de conscientização das pessoas, as pragas que atacam as lavouras e mão de obra. Os pontos positivos é que você tá produzindo vida, pode comer com gosto, vender uma coisa que satisfaz, saber que você tá vendendo uma coisa saudável, saber que não tá agredindo a terra e meio ambiente.... Naquela época em 2010 era difícil produzir orgânico, hoje você tem assistência, tá bastante mudado, quando

eu conheci em 2010 quase ninguém conhecia e todo mundo dizia que isso era besteira, hoje não, você vê que a mídia fala disso, vai aumentar com certeza. (Entrevista direta - Jandira 24 de abril, 2019)

Nota-se nessa fala as mudanças, quando Dona Jandira iniciou não sabia que poderia produzir sem usar venenos, hoje produz alimentos agroecológicos para a venda, transformando em fonte de renda, além de se alimentar e cuidar da família com os cultivos de hortaliças. O pensamento de sua família em relação às formas de produzir mudou. Ela plantou a sementinha da agroecologia na sua família e vizinhos, o manejo do solo se tornou mais fácil, hoje tem assistência especializada para atender as demandas, apesar de ainda faltar conscientização das pessoas para entender essa forma de produção, aos poucos os pensamentos e comportamentos vão mudando, a população vai buscando se alimentar melhor e se preocupando com as mudanças na natureza.

Depois de entender a trajetória de Dona Jandira na agroecologia, entrevisto seu filho, por meio de entrevista semiestruturada, com o objetivo de investigar qual a importância da agroecologia na forma de vida e a sucessão da propriedade, porque o campo deixa de ser atrativo para os/as jovens. Ele conta que desde pequeno trabalhou na agricultura com a família, mãe e tios.

Bem antigamente, eu lembro pouco, era produzido fumo por isso a estufa ali, também era plantado ao redor feijão milho que eu lembro outras verduras só que a gente usava venenos, controle químico, adubos químicos, e faz um tempo já que foi mudado pro agroecológico, como a mãe falou a mudança é lenta, tem que ir mudando aos pouquinhos assim e hoje é 100% agroecológico aqui em casa. Primeiro a gente plantava só pro consumo ai como a mãe vendia leite já na cidade, foi agregando uma verdura aqui, uma verdura ali. (Entrevista direta - Jocemar 24 de abril, 2019)

A venda das hortaliças começou posterior a do leite, hoje é feita em um grupo do WhatsApp. Durante a semana Dona Jandira repassa as hortaliças que terá para entrega e as/os consumidoras/es montam as suas cestas e na sexta-feira ela vai para a sede do município onde entrega em casa. Esse foi o meio encontrado pela família para a venda das hortaliças. Em relação a mão de obra e sucessão, pergunto se ele trabalha fora e pensa em voltar a trabalhar somente na propriedade.

Por escolha, eu trabalho fora e concílio aqui em casa também, trabalhei um ano direto aqui né? Depois eu comecei a mesclar. Eu penso mesclar os dois, porque aqui foi escolhido como um estilo de vida pra nós a qualidade de vida, ao nosso redor, nosso meio nossa família né? Mas se

for viável no futuro pretendo ficar aqui que a gente já sabe como lidar. (Entrevista direta - Jocemar 24 de abril, 2019)

O jovem trabalha como segurança em uma empresa multinacional no município, pergunto qual a diferença de uma empresa e para agricultura, e quais as dificuldades da produção orgânica e agroecológica.

Não tem essa garantia, por exemplo a época do tomate, nossa, o que foi vendido assim, dá um retorno bem bom, mas de repente, outra época, as pessoas não são fieis, elas ainda têm aquele preconceito com o orgânico, porque tá de aparência feia geralmente, elas não se preocupam com a qualidade, pra algumas pessoas o que importa é a aparência o fruto né? Infelizmente. A gente também tem a produção do leite que ajuda bastante. A maior dificuldade são as pragas, os predadores, o clima, a gente tem os que são no abrigo, é mais fácil, se faltar água a gente molha, mas se tá muito frio a gente pode controlar, se tá muito quente. Como deu a última vez algumas doenças, foge do controle, principalmente as pragas. (Entrevista direta - Jocemar 24 de abril, 2019)

Relata o problema que enfrentaram no verão como calor e as pragas que não conseguiram controlar com os repelentes e inseticidas naturais, ele frisa bastante a falta de conscientização das pessoas em relação a uma alimentação saudável, livre de transgênicos e agrotóxicos. Nota-se também a dificuldade de garantia de renda por meio da venda e circulação da produção, o que de fato é uma dificuldade para quem quer fazer a escolha de ter a agroecologia como modo de retirada financeira

O entrevistado também acredita na ideia de que as pessoas deveriam saber como se alimentam, da onde vem, conhecer a propriedade, como é produzido, e para isso é necessário um bom marketing das/os produtoras/es rurais, que chame, seja atrativo para as pessoas. A partir disso, entramos em uma discussão sobre o projeto de agronegócio para o campo.

A diferença do remédio e do veneno é a dose né? Acho que um grande empecilho assim, não só da daqui, é as indústrias, elas não querem que teu alimento seja teu remédio, elas querem que a pessoa fique doente e dependa da indústria. Uma pessoa que se diz ambientalista, que é preocupada com o solo e não adere a alimentos orgânicos, pra mim ela tá se contradizendo, porque no orgânico a gente evita ao máximo o uso da terra, desde a água a gente busca preservar, porque não pode ser orgânico e gerar muito lixo, tem que cuidar da água, dos excessos. (Entrevista direta - Jocemar 24 de abril, 2019)

Conta que não se lembra ao certo como se deu o processo de transição por ser pequeno. Ele e Dona Jandira relatam que aos poucos a família está aderindo a essa forma de produção, os irmãos de Dona Jandira também são agricultores, e no

início achavam uma loucura produzir sem adubos químicos, hoje já pensam diferente.

A partir desse dia de campo, conhecendo a realidade e dos outros encontros muitos questionamentos sobre a agroecologia como um modo de vida podem ser feitos, portando o próximo tópico a ser discutido será os limites e as potencialidades dessa forma de produção.

3.2 Organização Coletiva, desafios e potencialidades da agroecologia como modo de vida

Nesse momento da pesquisa a autora e o grupo já se conheciam devido às ações realizadas anteriormente e devido à proximidade que a minha participação em uma série de atividades do grupo proporcionou. Pretendo agora abordar os desafios e potencialidades da produção agroecológica.

Durante o texto foram levantados vários fatos positivos sobre a produção agroecológica no município de Itaiópolis, de que forma acontece a relação das agricultoras com a natureza. Mas, para além das coisas boas, é necessário que se fale dos desafios desse modo de vida. Para realizar essa parte da pesquisa aconteceram entrevistas, encontros, formações, além da vivência com o grupo.

Eu fico feliz porque era um sonho, um sonho meu que hoje tá se realizando, de conseguir chegar a conversar com quem tá no caminho da formação pra gente colocar pra pessoas a parte mais dolorida da função, porque é muito bacana tá formado pra trabalhar, mas e qual que são os espinhos no caminho? Será que alguém vai contar? Então eu sou assim bem bocuda em contar os espinhos no caminho, e que bom que vocês tão aqui. (Entrevista direta Dona Marilda, 20 de abril, 2019).

A primeira dificuldade notável, como fazer para produzir alimentos sem agrotóxicos? Acostumar com a ideia de que é possível cultivar sem necessitar de adubos químicos, o processo de transição das propriedades é lento, precisa dar vida ao solo, desintoxicar a terra, águas, animais. A maioria das pessoas que busca essa forma de produção para conseguir a certificação acaba desistindo. Por ser um caminho longo e trabalhoso, a produção vai necessitar de mais cuidados, não haverá veneno para matar as pragas, é preciso controlar e repelir através de caldas, inseticidas, plantas repelentes. A agroecologia não força a natureza a se adaptar ao

consumismo humano, flores, frutos, sementes, raízes irão respeitar os seus ciclos germinando e oferecendo o que podem de forma saudável, diferente da agricultura convencional com sementes geneticamente modificadas que produzem em qualquer época e tempo, sem qualidade.

Não tem essa garantia, por exemplo a época do tomate, nossa, o que foi vendido assim, dá um retorno bem bom, mas de repente, outra época, a gente teve um problema com o calor, verão foi muito forte, prejudicou bastante. (Entrevista direta - Jocemar 24 de abril, 2019)

O modelo agroecológico diferente do agronegócio não segue uma padronização dos alimentos. O MMC busca seguir os princípios agroecológicos de Primavesi, respeitando reação do ser humano com a natureza, respeitando as épocas de cada cultura, os climas, solos e recursos naturais.

A padronização da alimentação afeta os processos vitais do ser humano, não respeita a cultura, idade, origem, variedades e muito menos o clima e o solo. Isso provoca fraqueza, doenças, desequilíbrios a até morte, pois se trata de um processo de extinção das espécies e variedades importantes para a formação de todos os órgãos do corpo, pois garante a resistência contra vírus e doenças. É um mecanismo de produção perigoso que ameaça a continuidade da vida no planeta inclusive da espécie humana. A preservação do solo, a diversidade das espécies, é vital para o equilíbrio e vida saudável (MCC, 2015, p.6)

Quando se pensa em agroecologia é fundamental que se conheça Primavesi e a visão que ela traz da agricultura, do respeito para com a natureza, um solo sadio vai gerar uma planta sadia, com isso um ser humano sadio, de corpo e alma. Ela acredita que não se podem utilizar métodos de produção agrícola desvinculados do solo e da saúde humana, por que na natureza tudo está interligado.

Somente num corpo sadio mora uma alma sadia. Por tanto se o corpo está doente a alma também o é e a violência urbana tem seu origem nos alimentos com valor biológico baixo. Portanto, os indianos dizem: A violência urbana tem sua origem na decadência dos solos. Quando o homem não somente explorar, mas também cuidar de seu solo os alimentos serão de valor biológico elevado, as pessoas, também com poucos alimentos bem nutridos, saudáveis e inteligentes e o fantasma da fome não existe mais (Primavesi, 2009 p.11).

A partir do momento em que se utiliza uma agricultura visando produtividade e lucro e se esquece da ligação ser humano-natureza, a saúde humana é afetada, pelo baixo valor biológico dos alimentos com sementes modificadas que não nutrem mais, pelos produtos utilizados para a produção, o que passa a importar não é a qualidade e sim a quantidade. Primavesi defende que somente com um solo recuperado e sadio é que se combate à miséria.

E quanto pior o solo tanto mais rápida a desertificação, tanto mais pobre a população, e quanto maior a pobreza tanto pior a destruição dos solos. Dá para concluir que a pobreza destruí tanto ou mais que o agro-business. E a destruição dos solos faz a água doce desaparecer e sem água não existe mais vida em nosso Globo (Primavesi, 2009, p.12).

A agroecologia está ligada diretamente com o ser humano-natureza, respeitando os ciclos das culturas, os solos, as águas e os animais, quando modificamos uma semente para que ela nasça em determinado tempo e clima, desrespeitamos a natureza. Essa forma de produção é o agronegócio, e está ligado ao desmatamento, à decadência do solo, ao uso de adubos químicos, se unindo e formando várias violências contra a natureza.

Quando se inicia a transição para a agroecologia, além de entender e compreender a relação com a natureza, é necessário buscar compreensão nas relações humanas. As agricultoras precisam fazer barreiras naturais em suas propriedades, pois a maioria dos/as vizinhos/as ainda produzem de forma convencional, ventos e águas espalham rapidamente agrotóxicos, contaminando os solos, águas e as produções. As propriedades na região de Itaiópolis não são grandes extensões de terra, a maioria é agricultura familiar, uma barreira natural ocupa determinado espaço impossibilitando que aquele seja usado para produção, é preciso estabelecer uma relação com os/as vizinhos, dialogar sobre a agroecologia, buscar a compreensão e plantas sementinhas de ideias sobre esse modo de vida.

Outro aspecto de dificuldade já citado acima é a questão da sucessão. Ela acaba se tornando um problema devido ao êxodo rural dos/as jovens do campo. No caso do grupo AMHO, Dona Marilda trabalha sozinha, não tem sucessão para continuar a agroecologia na propriedade. Dona Jandira tem o filho que trabalha junto nos dias que não está trabalhando na empresa. Os/as jovens acabam buscando emprego no centro, ou em outras cidades, para obterem uma renda fixa.

É mesclado assim, as verduras das mais conhecidas a gente produz. Difícil mesmo é o público, as pessoas se conscientizar, porque a gente mantém um preço, não aumenta e não baixa, por exemplo o tomate, gente mantém o preço e entrega na casa, e as vezes ele cai, por exemplo o mercado traz de outros estados, não valoriza o comércio local, daí a pessoa vai pegar lá tá mais baratinho a pessoa não pensa na saúde ela pensa só no dinheiro. (Entrevista direta - Jocemar 24 de abril, 2019).

Além da agroecologia necessitar de mais mão-de-obra, haver êxodo rural dos/as jovens causando a ausência da sucessão. O sistema capitalista força o mercado aos preços abusivos, e os/as pequenos/as agricultores e comerciantes acabam se tornando dependentes desse sistema que “gourmetiza” os orgânicos, dobrando, triplicando o preço no mercado. Para o consumidor, acaba sendo mais viável ir até o mercado e comprar verduras do que procurar por produtos agroecológicos, enquanto o/a agricultor/a familiar não pode alterar o preço dos produtos para obter renda, pois é seu sustento.

Então as pessoas, as pessoas da família, as pessoas que vem lá da cidade, as pessoas que poderiam, que tem até um poder aquisitivo que podia tá vindo comprar, somar com a gente de qualquer forma, somar com a gente! A gente não vende o olho da cara, tá faltando as pessoas vim e dizer “ó eu quero comprar teus alface, teus repolho, tuas cenoura, eu quero vir aqui ajudar a colher, entente? Tá faltando isso, a teoria de cuidar da natureza é muito linda, mas botar a mão na massa ali meu amigo, é doido, e não tem juventude (Entrevista direta Dona Marilda, 20 de abril, 2019).

Várias vezes durante a pesquisa as agricultoras falaram que falta conscientização das pessoas em relação aos produtos agroecológicos, não buscam se alimentar de forma correta, e cuidar da saúde através da alimentação. Dona Verônica conta que tem pessoas que preferem se deslocar até Mafra¹⁹ para comprar nos sacolões, feiras, do que vir até a casa das agricultoras conhecer e adquirir uma hortaliça de qualidade.

Qual é o momento que vai vir um técnico formado e vai dizer assim “eu vou lá no perímetro urbano e vou organizar consumo”, porque nós temos capacidade de produzir, mas nós não temos comércio, vocês tão num polo onde falta as coisas (Florianópolis), nós aqui somos um polo produtor, existe uma distância muito grande, a distância é grande? É grande e cansativa né? Então assim, sabe os entraves de viver a agroecologia, é uma teimosia, a gente é teimoso, o outro chega “aa mas se eu botar sabe um veneno e ir dormir” (Entrevista direta Dona Marilda, 20 de abril, 2019)

É preciso buscar soluções para esse problema. No caso de Dona Jandira, sua filha que é professora de matemática criou um grupo no WhatsApp para a divulgação e venda, cada cliente monte sua cesta uma vez por semana e ela entrega em casa. O grupo AMHO organizava uma feira orgânica semanal no salão da Igreja

¹⁹ Mafra: Município vizinho que faz divisa com Itaiópolis, esse deslocamento é de aproximadamente 30 quilômetros.

no centro da cidade, em parceria com outros/as agricultores/as, para comercialização dos produtos.

A feira não funcionou, eu diria que o pessoal aqui da cidade ta acostumado a receber coisa pronta, mas não poderia ser, e a divulgação acho que tem que ser através das redes sociais, por exemplo a propriedade da vila Bromélia a pessoa da cidade vem bastante, o certo seria o produtor produzir e as pessoas vir até aqui né pra ver que é orgânico, não a gente levar, conscientização e divulgação... Infelizmente é a cultura, enquanto não for aconselhado pra pessoas buscar alimento saudável, um pouco por parte da mídia assim (Entrevista direta - Jocemar 24 de abril, 2019)

As agricultoras reconhecem que escolher esse modo de vida é mais saudável, as relações com a natureza e com os sujeitos mudam, tomam consciência dos projetos de agricultura que existem para o campo se tornando sujeitos críticos, e lutando contra o modelo de agricultura convencional, mas também destacam as dificuldades de produzir dessa forma, as faltas de políticas públicas para o campo, as barreiras, espinhos no caminho, que se tem em viver a agroecologia nas palavras e nas ações.

As agricultoras conseguem solucionar várias dificuldades, para as pragas usam repelentes, caldas naturais, para o solo compactado fazem biofertilizantes e coberturas, mas existem as dificuldades que envolvem relações humanas, a falta de mão de obra devido ao êxodo rural dos/as jovens, acabam não tendo sucessão, as falta de conscientização das pessoas com saúde e alimentação saudável, muitas vezes preferem comprar nos mercados alimentos transgênicos do que procurar um/a produtor/a rural que produz sem agrotóxicos. Uma das formas de solucionar a falta de compradores seria com marketing, divulgação dos projetos realizados, algumas pessoas podem até se interessar, mas não conhecem, ou sabem não sabem onde encontrar, mas a mídia acaba fazendo um trabalho contrário patrocinado por interesses, quando se diz que o agro é pop, agro é tech, agro é tudo.

Existe uma vírgula, na questão da agroecologia, pra expandir a agroecologia, que é a questão aproximar a cidade do campo, porque na teoria é tudo muito fácil. O que se cria ainda você perde porque não tem comércio, então assim, onde tá o cidadão do perímetro urbano que quer na teoria que a mata fique em pé, que quer que a agroecologia exista, mas ele não chega pra somar? Ai eles me dizem assim, as pessoas com mais poder aquisitivo que poderiam somar, "contanto que tenha pra comprar lá no mercado, não interessa o que é, da onde que vem", que frustração. Entrevista direta Dona Marilda, 20 de abril, 2019)

Nota-se que apesar das coisas boas que se sobressaíram, sobretudo no que tange nos avanços da agroecologia na vida das mulheres, os pontos negativos deixam marcas para essas mulheres que produzem alimentos com tanto cuidado. É visível as expressões de desânimo nos rostos quando se questiona sobre as dificuldades da agroecologia.

Do ponto de vista teórico e reflexivo, as mulheres conseguem valorizar a relação entre mulher e agroecologia, resgatando e valorizando os seus saberes, o cuidado e preservação com a natureza, com a família. Elas valorizam o papel das mulheres na criação e na preservação da agroecologia. Mas na prática, as relações de gênero e classe se cruzam: elas se vêem sozinhas tendo que sustentar a agroecologia no município, sem apoio financeiro, sem uma política municipal e sem conseguir gerar renda. Esta é uma realidade contraditória para as mulheres que buscam a agroecologia como modo de vida e de sustentação.

Como já buscaram solucionar de várias formas esses problemas, em uma fala de Dona Marilda podemos notar vários pontos levantados durante o texto.

Então o que que tá estragado aí? O que que falta amarrar? Tá faltando essa amarra aí. Eu tenho que pegar meu produto e sair procurar quem queira meu produto? Eu sou sozinha, não tenho tempo de ficar batendo perna na estrada, o tempo que eu saio pra vender, é o tempo que eu perco de produzir, que eu poderia produzir. Mas aí eu penso, vale a pena? Não tem ninguém correndo e atrás, se tivesse uma dívida alguma coisa assim, aí teria que fazer alguma coisa pra juntar dinheiro, sair catar consumidor, mas não é isso que a gente tem, a gente tem o pé no chão, que não deve fazer dívida, não deve fazer financiamento, não deve fazer empréstimo, não tem como pagar. E ainda a agroecologia sobre a influência do convencional, porque existe um técnico que vem e diz que você tem que fazer meio que no modelo convencional, a gente tá naquela quebra por isso a gente não tem sucessão, nenhuma de nós tem sucessão, então a agroecologia tá por um risco, somos um grupo pequeno, e não tem sucessão, se tivesse esse apoio esse engate né? O Casemiro que fala né? “Você tem o teu advogado, você tem o teu médico, tem o supermercado onde você compra, tem o posto onde você abastece, e o teu colono? O teu produtor rural? Você não adotou nenhum ainda”. As pessoas tão morrendo pela boca igual peixe, come o que não presta e a doença chega, os próprios vizinhos vão comprar lá no sacolão, e tão doente, não entendem que a gente tá produzindo saúde. Entrevista direta Dona Marilda, 20 de abril, 2019)

Quando se tem o primeiro contato com a agroecologia fica aquela dúvida “é uma técnica de produção? ”, “é uma ciência? ”. Antes da pesquisa de TCC, com as aulas, a agroecologia era muito abstrata, a primeira ideia é de que era a solução para acabar com o agrotóxico, se alimentar com produtos de qualidade, no decorrer

da pesquisa com as vivências a agroecologia tomou uma forma, uma forma que essas mulheres encontraram de sobreviver, viver melhor e resistir contra o agronegócio. Ouvindo as mulheres falarem dos pontos negativos, que aparecem quando se decide aprofundar os estudos sobre, é como um balde de água fria jogada sob nossas cabeças, na medida em que a agroecologia é sim uma forma incrível de se relacionar com o mundo, mas, ao mesmo tempo, é desgastante, porque contrapõe a ideia capitalista de bens, acumulação e lucro.

Apesar de ser cansativo e trabalhoso, todos os dias em que encontrei as agricultoras pude vê-las felizes, porque estavam cuidando das hortaliças, do leite, dos animais, felizes porque estavam cientes do bem que faziam.

Em um encontro com Dona Marilda, como um dos resultados da pesquisa participante e do projeto de extensão que sou bolsista, tentamos solucionar o problema das vendas e criamos juntas a campanha: “Adote uma Produtora Rural”. Divulguei nas redes sociais e no post tinham informações sobre os alimentos produzidos, preços e dia de entrega. As pessoas encomendavam, era repassado para Dona Marilda e eu fiquei responsável da entrega semanalmente. Esse trabalho foi realizado durante um mês, mas Dona Marilda passou a ter um envolvimento grande com a comunidade onde mora, acabou se tornando umas das responsáveis pela reforma do salão da igreja para a realização de eventos, com isso o tempo que tinha para produzir foi diminuindo. Ela está pensando em um novo plano de manejo, produção de morangos orgânicos como na propriedade Deyse e Mauro, isso ainda está em pauta.

Figura 29: Adote uma Produtora Rural



Fonte: Arquivo da autora

Nos finais de semana em que não tinha tempo universidade me desloquei até a propriedade de Dona Marilda para auxiliar na produção. Eu era recebida com café, depois plantávamos hortaliças, e almoçávamos com os alimentos produzidos na propriedade. Essas vivências me fizeram entender o que é a agroecologia e suas relações. Conheci parte da família de Dona Marilda e em um desses encontros ela disse que jamais imaginou que sua vida seria contada em uma pesquisa.

Figura 30: Plantando hortaliças com Dona Marilda



Fonte: Arquivo da autora

Figura 31: Colhendo rabanetes com Dona Marilda



Fonte: Arquivo da autora

Com a descrição desta experiência nota-se que o TCC relacionou pesquisa e ação na realidade, permitindo a descrição de um momento vivenciado e aprendizagens práticas em torno da agroecologia. Conclui-se que a relação mulheres e agroecologia é permeada pela contradição, já que, de um lado, os aspectos positivos são muitos e notáveis: a agroecologia passa a dar significado para a vida das mulheres, para a organização coletiva, permite uma série de aprendizagens e trocas, preserva o meio ambiente, garante a alimentação saudável de toda a família e valoriza o trabalho de mulheres camponesas. Contudo, de outro lado, a luta para manter a agroecologia em meio a uma sociedade que não a tem como projeto político e de vida faz com que os esforços sejam desgastantes. Neste processo, algumas companheiras desistem e outras seguem na resistência e na ideologia que move as mulheres em prol da agroecologia, como formiguinhas teimosas, como dito pela Dona Marilda.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo compreender a importância da produção agroecológica na vida das mulheres do Grupo AMHO. Investigou-se os limites e as potencialidades da produção agroecológica para essas mulheres. Podemos perceber durante o texto como se deu essa relação das mulheres com a terra e com os sujeitos, as mudanças que ocorreram nas propriedades depois de conhecer a agroecologia, as mudanças de pensamento, conscientização nas famílias onde a sementinha da agroecologia foi plantada, e os/as consumidores, a mudança não foi só nas relações com a natureza e sim natureza-ser humano.

Considera-se ao final do trabalho que o objetivo estabelecido foi cumprido, ao longo da pesquisa foi possível desenvolver uma articulação metodológica da pesquisa participante com a revisão bibliográfica e o projeto de extensão que foi ao encontro dos objetivos apresentados.

Nota-se nessa pesquisa as potencialidades da agroecologia como modo de vida. É dessa produção que tiram o seu sustento, é um trabalho que exige muito cuidado e mão de obra por não envolver agrotóxicos e pensar na agricultura de uma

forma diferenciada, sem esquecer das relações de aprendizados que se formaram nesses anos de trabalho com a terra, o cuidado para fazer o berço, a camada de proteção do solo, a conscientização de uma alimentação saudável, de um com a natureza. As relações pessoais mudam, além de produzir um alimento rico para suas famílias levam isso a mais pessoas da região.

Viver desse modo também tem suas dificuldades, pois a agroecologia está ligada com o ser humano-natureza, não se usa sementes modificadas, espera-se o tempo, o clima, e nem sempre isso vai estar a favor. Às vezes é quente demais, frio demais, chuvoso ou seco demais, às vezes pragas atacaram a produção e se perde o trabalho de meses, nem sempre as caldas naturais ou repelentes conseguem controlar as pragas, entre outros tantos problemas cotidianos no exercício da agroecologia. Como diz Dona Verônica “dizem que é mais fácil passar veneno e ir dormir do que ficar cuidando da produção no sol, chuva”. Além disso, há uma carência de mão-de-obra para que as mulheres possam enfrentar tais dificuldades.

O êxodo rural dos/as jovens gera a defasagem na sucessão, é necessário diversificar a produção, caso tenha alguma perda por causas naturais (invasores/clima), e isso exige mais cuidado e mão de obra, o que acaba não acontecendo quando não tem pessoas para trabalhar com a terra nessa perspectiva.

Esse trabalho me fez entender o que de fato é a agroecologia e como são as relações entre as mulheres com a terra. No primeiro contato que temos achamos confuso, depois tudo se torna lindo, mas, aprofundando a convivência com as mulheres no exercício da agroecologia conseguimos perceber que não é fácil escolher viver à agroecologia nesse mundo capitalista, preocupado com lucro, quantidade, tecnologia, excluindo pequenos/as agricultores/as, gerando êxodo rural e tantas outras formas de opressão. O capitalismo aliado com o patriarcado no campo se torna uma força de opressão avassaladora e as mulheres resistem, resistem junto a agroecologia, mudando as relações com a natureza, com as pessoas, tomando consciência e levando isso em frente.

A LEDOC vem mudando a minha vida desde 2016, ocupar um espaço que é meu por direito na Universidade me fez tomar consciência de várias opressões as quais naturalizamos e enraizamos. No curso reconheci minha identidade como camponesa e aprendi a valorizar a minha história e das minhas ancestrais. Na

LEDOC lutamos por uma educação pública e de qualidade, que leve em consideração a realidade e especificidades dos sujeitos. Nesse ano de pesquisa vivenciei diferentes contextos e neles as potencialidades dos espaços de educação não formal. Como educadora a pesquisa foi fundamental para que eu entendesse a vida das minhas alunas agricultoras. No curso aprendia a parte teórica, nas vivências com o grupo AMHO aprendia a prática e conseguia aplicar esses conhecimentos nas aulas, potencializando com os saberes populares das minhas alunas.

Conviver com Dona Marilda mudou minha perspectiva sobre várias coisas: mesmo estando tudo difícil, o tempo não ajudando, o vizinho usando veneno, ela nunca desanimou. Cada encontro era uma ideia diferente para solucionar um problema e sempre envolvida com a comunidade, contribuindo para a formação de outras mulheres e cuidando das pessoas ao seu redor. Dona Jandira mudou a alimentação da família com a sua produção de hortaliças agroecológicas e Dona Verônica com a produção de galinhas agroecológicas.

Esse tempo de pesquisa foi de muito aprendizado, tinha dias que eu chegava nas reuniões cansada por trabalhar, estudar e outros afazeres, chegava desanimada devido a conjuntura política do país, mas saía dos encontros com esperança por saber que não estava sozinha lutando por um mundo diferente.

Essa é uma pesquisa inicial, com a qual pude notar diferentes relações do ser humano-natureza, e das mulheres com a agroecologia. Pretendo continuar pesquisando e trabalhando com as mulheres dos movimentos sociais ligados à terra. Gostaria de entender melhor os espaços e educação não formal, como ocorre a tomada de consciência a partir de movimentos sociais. A ideia é que esse trabalho possa servir de subsídio para futuros artigos e um possível projeto de mestrado.

Sou muito grata a cada uma das famílias do Grupo AMHO, pelo acolhimento, pelas vivências e sou grata às minhas alunas que receberam uma professora mais nova iniciando a docência e querendo fazer a agricultura de outro modo. No começo foi difícil, mas ver o trabalho dando resultado não tem preço, a sementinha da agroecologia segue sendo plantada pelas formiguinhas teimosas. Brinco que fazer pesquisa com agricultores/as sempre me deixa de buchinho cheio e o coração quentinho, e esse trabalho foi isso. Este é o afeto na educação que pude aprender na prática e na realização deste trabalho que representa a intersecção entre ensino,

pesquisa e extensão na convivência com as mulheres que lutam, resistem e transformam pela agroecologia!

REFERÊNCIAS

AMADOR, Milton Cleber Pereira. **Guerra do Contestado: marca o fim e o início de modelos de desenvolvimento na região Oeste Catarinense**. Revista Cadernos do Ceom – Ano 22, n. 31 (2009)

BONI, Valdete. Três Décadas do Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina In: BONI, Valdete. **Mulheres Camponesas e Agroecologia**. Curitiba: Editora CRV, 2017, p.89-110.

CHERFEM, Carolina Orquiza. **Consustancialidade de gênero, classe e raça no trabalho coletivo/associativo**. Campinas, São Paulo, 2014.

CINELLI, Catiane. CONTE, Isaura I. **Mulheres Camponesas Construindo sua Identidade Feminista - Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos – Florianópolis, 2010.**

Diferenças entre Associações e Cooperativas. Disponível em **Feminismo Camponês e Popular**. Associação Nacional de Mulheres Camponesas- ANMC 2018.

GEORGINA N. K. CORDEIRO, NEILA DA SILVA REIS e SALOMÃO MUFARREJ HAGE; **Pedagogia da Alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo**. Em Aberto, Brasília, abril 2011.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. - 6ed . São Paulo: Editora Atlas AS, 2008.

HADICK, Ceres L.A, BASTIANI, Tânia M. As mulheres assentadas e a construção da agroecologia no oeste catarinense. In: HADICK, Ceres L.A, BASTIANI, Tânia M. **Mulheres Camponesas e Agroecologia**. Curitiba: Editora CRV, 2017, p 129-145.

hhttps://www.youtube.com/watch?v=fKlq69AvNNw&t=203s. Acesso em: 11 out. 2019.

<https://www.crefito8.gov.br/pr/index.php/associacoes-e-cooperativas/129-servicos/associacoes-ecooperativas/477-diferencas-associacoes-e-cooperativas>> acesso em 4 de novembro de 2019.

Itaiópolis, disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/itaiopolis/panorama>> acesso em 2/09/2019

MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS - **História - A afirmação de muitas histórias**, disponível em <http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>, acesso 19 de dezembro de 2019.

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS, História, disponível em: <<http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>>. Acesso em: 17 de setembro de 2019, às 13:24 horas.

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. A luta de enfrentamento cotidiana contra o capitalismo e o patriarcado no campo In: MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS.

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Fortalecer a luta em defesa da vida! Todos os dias!** Movimento das Mulheres Camponesas. Chapecó. Impressão: Rota de Impressos Gráficos Ltda. 2015

Movimento dos Trabalhadores Rurais Terra – MST. 2009

Mulheres da Terra - Curta Documentário. Direção: Marcia Paraiso e Adriane Canan. Produção: Marcia Paraiso e Adriane Canan. Roteiro: Marcia Paraiso e Adriane Canan. Fotografia de Anderson Capuano. Oeste de Santa Catarina: Plural Filmes e RBS TV - SC, 2010. Disponível em:

O mundo do trabalho em um contexto de uberização, **Instituto Humanitas Unisinos**, 2018. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/160-noticias/cepat/577779-o-mundo-do-trabalho-em-umcontexto-de-uberizacao>> acesso em; 02/11/2019

PRIMAVESI, Ana. **O solo tropical - Casos - Perguntando sobre solos** – 1ed. São Paulo:

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Conceituando do gênero (Posfácio) In: SAFFIOTI, Heleieth I.B.; MUÑOZVARGAS, Mônica. **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1994, p. 271-281.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2ed. São Paulo: Editora Graphium para a Editora para a Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **Gênero, Patriarcado e Violência**. 2ed. São Paulo: Editora Graphium para a Editora para a Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SALVARO, Giovana I. J, LAGO, Mara C. de S. **O desafio de protagonizar questões de gênero: uma (re) leitura da criação do Movimento de Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina**, ST 3 - As múltiplas faces da mulher rural no Brasil, Fazendo **Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder**, Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.

STEDILE, João P.; CARVALHO, Horácio M. Alimentação Saudável um direito de todos. Boletim da Educação, **Soberania Alimentar**, São Paulo, 2015.

Via Campesina, disponível em < <https://viacampesina.org/es/tag/brasil/>> acesso em: 05 de janeiro de 2020.

XAVIER, Patrícia M.A, FLÔR, Cristhiane C.C. **Saberes populares e educação científica: um olhar a partir da literatura na área de ensino de ciência**. Volume 7, Revista Ensaio – Belo Horizonte. p. 310, 2015